



**Universidade de Aveiro** Departamento de Comunicação e Arte  
2012

**ISABEL MARIA  
PEREIRA SOARES  
OLIVEIRA**

**COMUNICAÇÃO NA SAÚDE**





Universidade de Aveiro Departamento de Comunicação e Arte  
2012

**ISABEL MARIA  
PEREIRA SOARES  
OLIVEIRA**

**COMUNICAÇÃO NA SAÚDE:  
ESTRATÉGIAS *WEB* UTILIZADAS EM  
SOCIEDADES CIENTÍFICAS DE  
ESPECIALIDADES MÉDICAS**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Comunicação Multimédia, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria João Antunes, Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.



## **dedicatória**

Dedico este trabalho à minha mãe, por todo o incentivo demonstrado ao longo destes dois anos.



## **o júri**

presidente

**Prof. Doutora Ana Margarida Pisco Almeida**  
Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutora Alexandra Isabel Cardador de Queirós**  
Professora Coordenadora da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutora Maria João Lopes Antunes**  
Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro





## **agradecimentos**

À orientadora, Doutora Maria João Antunes pelo acompanhamento e disponibilidade constantes.

A todos os profissionais de saúde e pacientes que colaboraram no preenchimento dos inquéritos por questionário.

À minha colega Sandra Amorim, por todo o apoio prestado ao longo destes dois anos de mestrado.

Às minhas colegas de grupo, por toda a cooperação prestada.

Aos meus amigos, pela ajuda e incentivo demonstrado.

Ao meu filho, por todo o amor, carinho e compreensão dedicado à mãe.



## palavras-chave

Sociedades científicas de especialidades médicas, comunicação médica, estratégias *web*.

## resumo

O avanço tecnológico associado à difusão da *internet* e ao desenvolvimento das ferramentas *web 2.0* criou novas oportunidades de comunicação e de disseminação de informação, na área da saúde. Esta nova realidade, torna os pacientes mais autónomos e ativos e mais exigentes em termos de informação. O diálogo entre médico e paciente altera-se, na medida em que o paciente munido de informação, consegue debater e intervir em questões relacionadas com a sua saúde.

O advento da *web 2.0* e as ferramentas a ela associadas, como *blogs*, *wikis*, *podcasts*, atualizações de páginas através de *feeds RSS*, redes sociais, permitem aos utilizadores, a criação, publicação e partilha de informação, tornando-os mais ativos, nomeadamente na pesquisa e debate em questões relacionadas com a saúde.

*Sites* de redes sociais, *blogs*, *youtube*, *wikis*, *podcasts* e atualizações de páginas através de *feeds RSS*, são também algumas das estratégias que poderão ser usadas para a disseminação de informação na área da saúde.

No âmbito da informação em saúde destacam-se, pelo conjunto de competências científicas e credibilidade, as Sociedades Científicas de Especialidades Médicas.

Partindo da análise de uma amostra de *web sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas e da aplicação de inquéritos a médicos e pacientes averiguam-se as estratégias de divulgação e pesquisa de informação na área da saúde, presentemente utilizadas e propõem-se estratégias de comunicação e disseminação mais atuais, que tirem partido das plataformas atualmente disponíveis, para veicular e partilhar informação na área médica.



**keywords**

Scientific Associations of Medical Specialties, medical communication, *web* strategies

**abstract**

The technological breakthrough associated to the *internet's* widespread and to *web 2.0* tools' development has created new opportunities of communication and the spreading of medical information. This new reality allows patients to be more autonomous, active and demanding in what concerns information. The doctor-patient dialogue changes since the patient has information and can debate and intervene in issues related to his health.

The advent of *web 2.0* and its associated tools, like *blogs*, *wikis*, *podcasts*, page updates through *RSS feeds*, social networks, allow users to create, publish and share medical information, making them more active in health related.

Social networks, *Blogs*, *YouTube*, *Wikis*, *Podcasts* and page updates through *RSS feeds*, are also some of the strategies that can be used to circulate information related to healthcare.

The Scientific Associations of Medical Specialties stand out due to their set of scientific competencies and credibility in the healthcare information area.

Through the analyses of a sample taken from the Scientific Associations of Medical Specialties' *web sites* and through the distribution of questionnaires to doctors and patients, we ascertained the research and dissemination strategies of healthcare related information currently used and propose more actual communication and dissemination strategies. These more actual strategies take advantage of the currently available platforms to conduct and share medical information.



# Comunicação na Saúde: Estratégias *Web* Utilizadas em Sociedades Científicas de Especialidades Médicas

## ÍNDICE DE CONTEÚDOS

### PARTE I: OBJETO DE ESTUDO, CONTEXTO E ENQUADRAMENTO TEÓRICO

INTRODUÇÃO.....	3
1. Caraterização do problema de investigação e sua relevância .....	3
2. Definição da Questão de Investigação .....	5
3. Modelo de Análise .....	5
4. Finalidades e Objetivos da Investigação .....	9
5. Estrutura do Trabalho.....	10
CAPÍTULO 1. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	11
1.1 Procedimento Metodológico .....	11
1.1.1 Tipo de Estudo .....	12
1.1.2 Instrumentos de Recolha de Dados .....	14
CAPÍTULO 2. UTILIZAÇÃO DA <i>INTERNET</i> NO CONTEXTO DA DIFUSÃO E PROCURA DE INFORMAÇÃO MÉDICA .....	15
2.1 A sociedade da informação.....	15
2.2 Evolução tecnológica e impactos na disseminação de informação médica.....	16
2.2.1 Transição da <i>web</i> para <i>web 2.0</i> .....	18
2.3 Comunicação médico-paciente.....	22
2.4 Procura de informação médica recorrendo à <i>internet</i> e aos serviços de comunicação nela suportados .....	24
2.4.1 Difusão de informação médica na era 2.0.....	30
2.5 Exemplos de <i>sites</i> /serviços de divulgação e procura de informação médica <i>online</i> .....	31

**PARTE II: ESTUDO DE UMA AMOSTRA DE SITES DE SOCIEDADES CIENTÍFICAS DE ESPECIALIDADES MÉDICAS E APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS PELA APLICAÇÃO DOS INQUÉRITOS A PROFISSIONAIS DE SAÚDE E A PACIENTES**

CAPÍTULO 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS RECOLHIDOS.....	35
3.1 Procedimento de recolha de dados .....	35
3.2 Análise dos <i>web sites</i> das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas .....	36
3.2.1 Conteúdos .....	43
3.2.1.1 Requisitos mínimos de informação a disponibilizar por um <i>web site</i> .....	45
3.2.1.2 Apresentação dos conteúdos .....	45
3.2.1.3 Elementos multimédia.....	46
3.2.2 Usabilidade .....	46
3.2.2.1 Acessibilidade (página principal do <i>site</i> ) .....	48
3.2.2.2 Navegação interna.....	48
3.2.2.3 Identidade gráfica.....	49
3.2.3 Novos recursos de comunicação.....	49
3.2.3.1 Comunicação.....	50
3.2.3.2 Ferramentas síncronas .....	51
3.2.3.3 Ferramentas <i>web 2.0</i> .....	51
3.2.3.4 Tipologia da informação .....	52
3.3 Apresentação e análise dos resultados dos inquéritos por questionário .....	52
3.3.1 Análise dos resultados do inquérito por questionário a médicos.....	53
3.3.1.1 Caraterização pessoal .....	53
3.3.1.2 Necessidades de informação em sociedades médicas .....	54
3.3.1.3 Sociedades médicas e ferramentas <i>web 2.0</i> .....	57
3.3.2 Análise do inquérito por questionário a pacientes .....	60
3.3.2.1 Caraterização pessoal .....	60
3.3.2.2 Necessidades de informação na área da saúde.....	62
3.3.2.3 Sociedades médicas e ferramentas <i>web 2.0</i> .....	67



CONCLUSÕES .....	71
1. Limitações do trabalho .....	73
2. Trabalho futuro .....	73
Referências Bibliográficas.....	75

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Conceitos, dimensões, componentes e indicadores do estudo (modelo de análise) .....	6
Tabela 2: Sociedades Científicas de Especialidades Médicas (de acordo com o motor de busca <i>Google</i> e o Portal da Ordem dos Médicos, consultados em 5/10/2011) .....	12
Tabela 3: Sociedades Científicas de Especialidades Médicas selecionadas para análise mais detalhada dos <i>web sites</i> .....	14
Tabela 4: Utilizadores de <i>internet</i> (%) .....	16
Tabela 5: Utilizadores de <i>internet</i> por atividades realizadas (%).....	17
Tabela 6: Utilizadores de <i>internet</i> por escalão etário (%) .....	27
Tabela 7: Utilizadores de <i>internet</i> por nível de escolaridade (%) .....	28
Tabela 8: População residente em Portugal segundo o nível de instrução mais elevado e completo .....	28
Tabela 9: Utilizadores de <i>internet</i> , por escalão etário e nível de escolaridade completo (%) .....	29
Tabela 10: Exemplos de <i>sites</i> /serviços de divulgação médica .....	32
Tabela 11: Dados obtidos relativamente à dimensão ‘conteúdos’, no que se refere a ‘requisitos mínimos’, ‘apresentação dos conteúdos’ e ‘elementos multimédia’ .....	44
Tabela 12: Dados obtidos relativamente à dimensão ‘usabilidade’, no que se refere a ‘acessibilidade’, ‘Navegação interna’ e ‘identidade gráfica’ .....	47
Tabela 13: Dados obtidos relativamente à dimensão ‘novos recursos de comunicação’, no que se refere a ‘comunicação’, ‘ferramentas síncronas’, ‘ferramentas <i>web 2.0</i> ’ e ‘tipologia da informação’ .....	49

Tabela 14: Profissionais de Saúde: perfil dos inquiridos .....	53
Tabela 15: Profissionais de Saúde: Necessidade de informação sistematizada de acesso ao público em <i>sites</i> de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas (opinião dos profissionais de saúde) .....	54
Tabela 16: Profissionais de Saúde: Informação pertinente a disponibilizar ao público em <i>sites</i> de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas.....	55
Tabela 17: Profissionais de Saúde: Tipo de informação mais procurada nos <i>sites</i> das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas.....	56
Tabela 18: Profissionais de Saúde: Utilização de ferramentas <i>web</i> 2.0 .....	58
Tabela 19: Profissionais de Saúde: Avaliação relativa à exploração das ferramentas <i>web</i> 2.0 e à forma como estas podem potenciar a comunicação <i>online</i> .....	58
Tabela 20: Profissionais de Saúde: Disponibilização de ferramentas <i>web</i> 2.0.....	59
Tabela 21: Pacientes: Dados relativos à idade, sexo e localidade .....	60
Tabela 22: Pacientes: Relação entre idade e procura de informação <i>online</i> na área da saúde .....	63
Tabela 23: Pacientes: Motivo pelo qual nunca recorreram a <i>sites</i> de Sociedades Científicas de Especialidade Médicas.....	64
Tabela 24: Pacientes: Tipologia de informação procurada nos <i>sites</i> de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas.....	65
Tabela 25: Pacientes: Motivos de acesso a <i>sites</i> de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas.....	66
Tabela 26: Pacientes: Avaliação quanto à informação disponibilizada pelos <i>sites</i> de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas.....	66
Tabela 27: Pacientes: Ferramentas <i>web</i> 2.0 mais usadas.....	67
Tabela 28: Pacientes: Avaliação relativa à forma como os <i>sites</i> de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas exploram as ferramentas <i>web</i> 2.0 e se o uso adequado destas ferramentas pode facilitar a comunicação <i>online</i> .....	68
Tabela 29: Pacientes: Ferramentas <i>web</i> 2.0 que devem estar presentes nos <i>sites</i> das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas.....	69

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Profissionais de Saúde: Consulta a <i>sites</i> de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas.....	56
Gráfico 2: Profissionais de Saúde: Frequência de acesso a <i>sites</i> de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas .....	57
Gráfico 3: Pacientes: Habilitações literárias.....	61
Gráfico 4: Pacientes: Literacia em tecnologias de informação .....	61
Gráfico 5: Pacientes: Procura de informação <i>online</i> na área da saúde.....	62
Gráfico 6: Pacientes: Consulta a <i>sites</i> de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas .....	64

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: <i>Site</i> de uma empresa de prestação de serviços, na área da medicina.....	21
Figura 2: Sociedade Portuguesa de Cardiologia.....	37
Figura 3: Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla.....	37
Figura 4: Sociedade Portuguesa de Oftalmologia .....	38
Figura 5: Sociedade Portuguesa de Estomatologia e Medicina Dentária.....	38
Figura 6: Sociedade Portuguesa de Cirurgia .....	39
Figura 7: Sociedade Portuguesa de Menopausa .....	39
Figura 8: Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica .....	40
Figura 9: Sociedade Portuguesa de Pediatria .....	40
Figura 10: Sociedade Portuguesa de Diabetologia.....	41
Figura 11: Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica.....	41
Figura 12: Sociedade Portuguesa de Gastrenterologia .....	42
Figura 13: Sociedade Portuguesa de Ortopedia Dento-Facial.....	42



## **PARTE I: OBJETO DE ESTUDO, CONTEXTO E ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

A primeira parte do presente trabalho de investigação enquadra, a nível teórico, a problemática em estudo, abordando entre outras a metodologia de investigação, o recurso à *internet* para difusão e pesquisa de informação em saúde, referência às ferramentas *web 2.0*, enquanto potenciadoras da comunicação e informação *online* entre profissionais de saúde e pacientes.



## INTRODUÇÃO

### 1. Caraterização do problema de investigação e sua relevância

Tal como referem Lisbôa, Junior & Coutinho (2009), o Homem é “um ser eminentemente social”. A necessidade de comunicar acompanha a evolução do ser humano e a esta necessidade de comunicar associa-se o desenvolvimento tecnológico a nível das Tecnologias de Informação e Comunicação, acentuado desde meados dos anos 90 (altura da massificação da *web*) e onde se destaca mais recentemente a passagem da *web* para a *web 2.0*, na qual os utilizadores deixam de ser meros consumidores de informação e passam a ter a possibilidade de publicar, partilhar e trocar informação. A comunicação deixa de ser de um para muitos, passando a ser de muitos para muitos. Potencialmente todos os utilizadores podem pesquisar, publicar e partilhar, tornando possível a comunicação entre todos, criando a “sociedade em rede”, como a denominou Castells (2007).

Como refere Gonçalves (2009), a transição da *web* para *web 2.0* permitiu novas oportunidades para produzir e partilhar conhecimento, apelando a um papel mais ativo por parte do utilizador.

Na área da saúde, recorrendo a ferramentas *web 2.0*, como *blogs*, *wikis*, *podcasts*, atualizações de páginas através de *feeds RSS*, abrem-se novas possibilidades de criar, publicar, partilhar, comentar e aceder a atualizações de informação. A informação médica pode ser difundida por parte das entidades cientificamente validadas para o efeito, em novos formatos e plataformas; de igual modo são proporcionadas novas formas de os pacientes colocarem as suas questões ou obterem informação, que possa satisfazer as suas dúvidas e inquietações.

A procura de informação médica com recurso às novas tecnologias de informação e comunicação, tem vindo a crescer consideravelmente. Consequentemente supõe-se que os pacientes passem a estar mais informados e assumam um papel mais ativo, em situação de diálogo com o seu médico assistente.

Por seu lado, o médico deve saber ouvir o paciente e debater com ele as informações recolhidas. Esta cooperação induz uma relação médico-paciente mais equilibrada, como refere Reis (2008).

Os profissionais de saúde, também podem enriquecer o seu conhecimento médico, partilhando informação entre si, aprofundando conhecimentos e atualizando informação. Têm também ao dispor notícias sobre eventos científicos, que lhes permitem uma maior atualização do conhecimento na sua área clínica.

Existem vários *sites* vocacionados para a pesquisa de informação médica, onde se destacam, pela sua credibilidade, os *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas (SCME).

Tendo como base a importância que as questões relacionadas com a saúde têm atualmente para os indivíduos e o aumento da procura *online* de informação médica, revela-se pertinente levar a cabo um estudo que analise as estratégias de comunicação para os novos *media* levadas a cabo pelas Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, na sua função de disseminação de informação pelos profissionais de saúde e pelo público em geral. A forma como as Sociedades Científicas de Especialidades Médicas exploram as atuais potencialidades de comunicação e informação, será o objetivo principal do presente trabalho de investigação, com vista a conhecer-se a presente realidade e a propor abordagens que vão ao encontro das necessidades identificadas nos seus públicos (médicos e cidadãos).



## **2. Definição da Questão de Investigação**

Segundo Quivy & Campenhoudt (1995), um trabalho de investigação deverá ter como ponto de partida a questão de investigação. Esta deve ser clara, concisa e objetiva, por forma a delimitar com rigor o que se pretende investigar.

A questão de investigação que preside ao trabalho a desenvolver é a seguinte:

Que estratégias *web* poderão potenciar a comunicação das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas?

## **3. Modelo de Análise**

Com recurso ao modelo de análise foi possível estabelecer relação entre conceitos, dimensões, componentes e respetivos indicadores. A Tabela 1 apresenta o modelo de análise correspondente ao presente trabalho de investigação, sendo este, tal como definiram Quivy e Campenhoudt (1995), a continuação da problemática. Conceitos e hipóteses articulam-se de forma a sustentar a observação e a análise, permitindo definir instrumentos e obter dados que permitem testar a hipótese aplicada.

**Tabela 1: Conceitos, dimensões, componentes e indicadores do estudo (modelo de análise)**

Conceitos	Dimensões	Componentes	Indicadores
<b>Estratégias Web</b>	Conteúdos	Requisitos mínimos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contactos</li> <li>- Notícias/Eventos</li> <li>- <i>FAQs</i></li> <li>- Data da última atualização</li> <li>- Data da próxima atualização</li> <li>- Diversidade de Conteúdos</li> <li>- <i>Site multilingue</i></li> </ul>
		Apresentação dos conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Textos sucintos</li> <li>- Linguagem clara e acessível</li> <li>- Uniformidade nas fontes, tamanhos e estilos de texto</li> <li>- Organização hierárquica visual dos elementos (grelha)</li> <li>- Fontes não serifadas</li> <li>- Contraste texto-fundo</li> <li>- Esquema cromático institucional</li> <li>- Direitos de autor e questões legais</li> </ul>
		Elementos multimédia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Imagens estáticas</li> <li>- Animação</li> <li>- Áudio</li> <li>- Vídeo</li> </ul>
	Usabilidade	Acessibilidade (página principal do <i>site</i> )	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acesso através de diferentes <i>browsers</i> (<i>Internet Explorer 9; Mozilla Firefox 10; Google Chrome 16; Safari 5</i>)</li> <li>- Presença nos principais motores de busca (Google, Sapo, Yahoo, Altavista, Aeiou)</li> <li>- Tempo de carregamento de página (&lt; 8 segundos)</li> </ul>
		Navegação interna	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compatibilidade de <i>browsers</i> (acesso das páginas internas do <i>site</i> através de diferentes <i>browsers</i>)</li> <li>- Mapa do <i>site</i></li> <li>- Barra de navegação com <i>sub-itens</i></li> <li>- Motor de pesquisa interno ao <i>site</i> (pesquisar)</li> </ul>
		Identidade gráfica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A identidade gráfica é mantida entre páginas</li> <li>- Bom contraste nas cores usadas</li> </ul>
	Novos recursos de comunicação	Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Correio Eletrónico</li> <li>- <i>Fórum</i></li> <li>- <i>Newsletter</i></li> <li>- Sugestões/opiniões <i>online</i></li> </ul>

		Ferramentas síncronas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Chat</li> <li>- Skype</li> <li>- Google Talk</li> </ul>
		Ferramentas web 2.0	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Blogues</li> <li>- Wikis</li> <li>- Redes Sociais (<i>Facebook, Tweeter, MySpace, Orkut, Google+</i>)</li> <li>- Post's</li> <li>- Podcasts</li> <li>- Social bookmarking</li> <li>- Atualizações de páginas através de <i>feeds</i> RSS</li> <li>- Plataformas de conteúdos AV (<i>Vimeo e Youtube</i>)</li> </ul>
		Tipologia da informação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- História</li> <li>- Estrutura orgânica</li> <li>- Estatutos</li> <li>- Congressos e reuniões</li> <li>- Sociedades congéneres</li> <li>- Serviços</li> <li>- Protocolos</li> <li>- Regulamento interno</li> <li>- Formação</li> <li>- Investigação</li> <li>- Inscrições</li> <li>- Publicações</li> <li>- Projetos/iniciativas</li> <li>- Pesquisar</li> <li>- Parceiros</li> <li>- Área reservada aos sócios</li> </ul>
<b>Comunicação</b>	Profissionais de saúde		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Idade</li> <li>- Sexo</li> <li>- Literacia em tecnologias de informação</li> <li>- Necessidades de informação na área da saúde</li> </ul>
	Pacientes		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Idade</li> <li>- Sexo</li> <li>- Habilitações literárias</li> <li>- Literacia em tecnologias de informação</li> <li>- Localização</li> <li>- Necessidades de informação na área da saúde</li> </ul>
<b>Sociedades Científicas de Especialidades Médicas</b>	Missão		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolvimento científico</li> <li>- Investigação</li> <li>- Educação na sua área de especialidade médica</li> </ul>

Apresenta-se como hipótese à questão de investigação:

As Sociedades Científicas de Especialidades Médicas fazem um uso conservador da sua presença *web*. Estas Sociedades poderão potenciar a sua missão, nomeadamente, na componente de difusão de desenvolvimento científico médico (a profissionais de saúde) e educação, na sua área de especialidade (aos cidadãos), com recurso a ferramentas *web* 2.0.

#### 4. Finalidades e Objetivos da Investigação

O presente trabalho de investigação tem como finalidade analisar as atuais estratégias *web* usadas pelas Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, e propor novas estratégias tendentes a potenciar a comunicação *online* destas sociedades com os profissionais médicos da sua especialidade, assim como com o público em geral .

Propõem-se como objetivos:

- Analisar os *sites* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas portuguesas;
- Determinar quais as ferramentas *web 2.0* mais utilizadas para divulgação de informação médica pelas Sociedades Científicas de Especialidades Médicas;
- Identificar que ferramentas *web 2.0* são mais utilizadas pelos pacientes e pelos profissionais de saúde;
- Determinar com que frequência, pacientes e profissionais de saúde recorrem à *internet* para procura/atualização de informação/conhecimento médico;
- Averiguar que tipo de informação médica é procurada pelos pacientes e pelos profissionais de saúde;
- Conhecer qual a opinião de pacientes e profissionais de saúde relativamente à pertinência da informação, disponibilizada *online* pelas Sociedades Científicas de Especialidades Médicas;
- Propor novas estratégias de comunicação *online*, no domínio da disseminação de informação e conhecimento médico, por profissionais de saúde e pacientes.

## 5. Estrutura do Trabalho

O presente trabalho de investigação é composto por duas partes, comportando cada uma delas dois capítulos.

No capítulo 1, é apresentada a metodologia de investigação, onde se faz alusão ao procedimento metodológico. No segundo capítulo é exposto o enquadramento teórico do trabalho de investigação, o qual se divide em cinco temáticas principais: “a sociedade da informação”, “evolução tecnológica e impactos na disseminação de informação médica”, “comunicação médico-paciente”, “procura de informação médica recorrendo à *internet* e aos serviços de comunicação nela suportados”, e “exemplos de *sites*/serviços de divulgação e procura de informação médica *online*”.

Na segunda parte do documento é apresentada uma análise a uma amostra de *web sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, com base numa grelha de análise, e indicados os dados recolhidos por meio de um inquérito por questionário, realizado a uma amostra de profissionais de saúde e pacientes. Nas conclusões apresenta-se uma proposta de novos serviços de comunicação a integrar nos *sites* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas. É também feita uma reflexão sobre o estudo realizado, limitações encontradas e propostas para uma investigação futura.

## **CAPÍTULO 1. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO**

Através da investigação é possível gerar e testar conhecimento. É um questionamento contínuo, um desejo de quer saber mais e compreender algo.

“Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica” (Quivy & Champenhoudt, 1995).

### **1.1 Procedimento Metodológico**

O presente estudo tem um carácter explanatório. Após ser feito um estudo explorando questões de “porque” e “como”, será elaborada uma descrição do fenómeno em causa. A investigação em curso abarca assim, revisão de literatura, análise de *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, realizada mediante aplicação de grelhas de observação, e realização de inquéritos por questionário a uma amostra por conveniência de profissionais de saúde e pacientes.

O método de investigação a seguir na elaboração do presente trabalho de investigação será o indutivo. Como refere Freixo (2010), a abordagem indutiva, constrói-se do particular para o geral, em que a validade deste método depende do tamanho da amostra selecionada. Convém por isso referir que dada a pequena dimensão das amostras, para o presente trabalho de investigação não poderá ser feita uma generalização dos resultados.

### 1.1.1 Tipo de Estudo

Na investigação efetuada são implementadas duas estratégias metodológicas. Numa primeira fase é feita uma análise de *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, com o objetivo de identificar: tipologia de conteúdos, usabilidade e novos recursos de comunicação. Nesta análise será tida em conta a diferenciação que é feita entre informação/recursos destinados a profissionais da especialidade e informação/recursos disponibilizados ao público em geral. Inicialmente foi feito um levantamento, das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas existentes em Portugal (Tabela 2) através de pesquisa num motor de busca *online* (*Google*), e através do “Portal da Ordem dos Médicos”, <http://www.ordemosmedicos.pt>. Posteriormente foram selecionadas doze para uma análise mais detalhada.

**Tabela 2: Sociedades Científicas de Especialidades Médicas (de acordo com o motor de busca *Google* e o Portal da Ordem dos Médicos, consultados em 5/10/2011)**

Sociedades Científicas de Especialidades Médicas	URL [Data Consulta – 07/10/2011]
Sociedade Portuguesa de Neuropsicologia	<a href="http://www.socportneuropsic.no.sapo.pt">http://www.socportneuropsic.no.sapo.pt</a>
Sociedade Portuguesa de Cardiologia	<a href="http://www.spc.pt">http://www.spc.pt</a>
Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla	<a href="http://www.spem.org">http://www.spem.org</a>
Sociedade Portuguesa de Oftalmologia	<a href="http://www.spoftalmologia.pt">http://www.spoftalmologia.pt</a>
Sociedade Portuguesa de Estomatologia e Medicina Dentária	<a href="http://www.spemd.pt">http://www.spemd.pt</a>
Sociedade Portuguesa de Cirurgia	<a href="http://www.spcir.com">http://www.spcir.com</a>
Sociedade Portuguesa de Menopausa	<a href="http://www.spmenopausa.pt">http://www.spmenopausa.pt</a>
Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica	<a href="http://www.spsc.pt">http://www.spsc.pt</a>
Sociedade Portuguesa de Pediatria	<a href="http://www.spp.pt">http://www.spp.pt</a>
Sociedade Portuguesa de Diabetologia	<a href="http://www.spd.pt">http://www.spd.pt</a>
Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica	<a href="http://www.spaic.pt">http://www.spaic.pt</a>
Sociedade Portuguesa da Gastrenterologia	<a href="http://www.spg.pt">http://www.spg.pt</a>
Sociedade Portuguesa de Ortopedia Dento-Facial	<a href="http://www.spodf.pt">http://www.spodf.pt</a>
Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear	<a href="http://www.spmn.pt">http://www.spmn.pt</a>
Fundação Portuguesa de Cardiologia	<a href="http://www.fpcardio.pt">http://www.fpcardio.pt</a>
Sociedade Portuguesa de Cuidados Intensivos	<a href="http://www.spci.org">http://www.spci.org</a>
Sociedade Portuguesa de Endoscopia Digestiva	<a href="http://www.sped.pt">http://www.sped.pt</a>
Sociedade Portuguesa de Pneumologia	<a href="http://www.sppneumologia.pt">http://www.sppneumologia.pt</a>
Sociedade Portuguesa de Medicina Interna	<a href="http://www.spminterna.pt">http://www.spminterna.pt</a>
Soc. Portuguesa de Cirurgia Plástica e Recuperação Estética	<a href="http://www.spcpre.org">http://www.spcpre.org</a>



Após uma análise inicial geral dos *sites* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas (Tabela 2), verificou-se que são muito poucas as que recorrem às ferramentas *web 2.0*, como estratégia na comunicação *online* com profissionais de saúde e pacientes.

Na generalidade estas sociedades limitam-se a ter simplesmente opções informativas e opção de registo. Somente a Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla, a Sociedade Portuguesa de Pediatria e a Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica têm à disposição um fórum. Apenas seis têm ligação para redes sociais (*Facebook e Tweeter*), sendo estas, a Sociedade Portuguesa de Cardiologia, Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla, Sociedade Portuguesa de Oftalmologia, Sociedade Portuguesa de Estomatologia e Medicina Dentária, Sociedade Portuguesa de Cirurgia e a Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica. Plataformas de conteúdo audiovisual (*YouTube*), só são possíveis de encontrar na Sociedade Portuguesa de Cardiologia e na Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla. Apenas a Sociedade Portuguesa de Menopausa e a Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica disponibilizam *podcast's* nos seus *sites*. Atualizações de páginas através de *feeds RSS*, marcam presença em apenas dois *sites*: Sociedade Portuguesa de Estomatologia e Medicina Dentária e na Sociedade Portuguesa de Cirurgia.

Como critério de seleção optou-se por realizar um estudo mais detalhado nas Sociedades Científicas de Especialidades Médicas que mais usam ferramentas *web 2.0* e nas que menos recorrem a estes recursos, com o objetivo de se poder fazer uma comparação entre a forma de comunicação que se estabelece entre profissionais de saúde e pacientes, sua recetividade e participação, tentando desta forma perceber qual o impacto na disseminação de informação médica recorrendo a estratégias *web* diversificadas (Tabela 3).

**Tabela 3: Sociedades Científicas de Especialidades Médicas selecionadas para análise mais detalhada dos *web sites***

<b>Sociedades Científicas de Especialidades Médicas</b>	Sociedade Portuguesa de Cardiologia
	Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla
	Sociedade Portuguesa de Oftalmologia
	Sociedade Portuguesa de Estomatologia e Medicina Dentária
	Sociedade Portuguesa de Cirurgia
	Sociedade Portuguesa de Menopausa
	Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica
	Sociedade Portuguesa de Pediatria
	Sociedade Portuguesa de Diabetologia
	Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica
	Sociedade Portuguesa da Gastreenterologia
	Sociedade Portuguesa de Ortopedia Dento-Facial

Na segunda fase, da recolha de dados são aplicados inquéritos por questionário a profissionais de saúde e a pacientes (não médicos), com perfis diferenciados.

### **1.1.2 Instrumentos de Recolha de Dados**

Para a recolha de dados foi elaborada uma grelha de observação, posteriormente aplicada à amostra de doze *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas Portuguesas, referidos na Tabela 3, segundo critérios indicados no ponto anterior.

Foram também elaborados inquéritos por questionário aplicados a uma amostra por conveniência, composta por trinta indivíduos (não médicos), maiores de idades e com perfis heterogéneos no que se refere a idade, habilitações literárias, literacia tecnológica, localização e necessidades de informação. Foram também aplicados inquéritos por questionário a uma amostra por conveniência composta por dez profissionais de saúde (médicos), membros das Sociedades Científicas de Especialidade Médicas.

Os dados provenientes das respostas dos inquéritos por questionário, foram analisados quantitativamente. O tratamento estatístico descritivo dos dados, foi elaborado com recurso à aplicação de tratamento de dados *SPSS (Statistical Package for Social Sciences)*.

## **CAPÍTULO 2. UTILIZAÇÃO DA *INTERNET* NO CONTEXTO DA DIFUSÃO E PROCURA DE INFORMAÇÃO MÉDICA**

O avanço tecnológico, onde se destaca sem dúvida a *internet*, associado a uma crescente preocupação relativa à saúde por parte do ser humano, incentivam à partilha da informação médica.

Ao longo deste capítulo é abordada a necessidade de informação médica por parte dos indivíduos, recorrendo a meios tecnológicos como a *internet*, bem como o tipo de relações que se vai estabelecer entre médicos e pacientes, em virtude da informação que os últimos passam a deter.

### **2.1 A sociedade da informação**

A sociedade atual vive em constante mudança, tendo o ser humano cada vez mais necessidade de informação. O querer saber mais, o quer estar “bem informado”, o querer aprender autonomamente, o querer aprender com os outros, o querer partilhar informação, fazem parte de algumas características do “ser humano informado”, numa sociedade em que as novas tecnologias são vistas como um bem essencial.

Como refere Espanha (2008), “as sociedades modernas ocidentais caracterizam-se, entre outros aspetos, por serem sociedades com uma elevada difusão e circulação de informação. A distribuição e o acesso à informação são crescentes e os aspetos e temas sobre os quais essa democratização da informação e do conhecimento acontece são muitos, dispersos e diversificados.”

Desde sempre que a necessidade de comunicar acompanha a evolução humana, não só através do diálogo mas também utilizando ferramentas que o homem foi criando e aperfeiçoando ao longo dos tempos. Segundo Lisboa, Junior & Coutinho (2009), o homem é “um ser eminentemente social. Desde os primórdios de sua existência vem buscando diversas formas de se agrupar e de se relacionar, construindo, assim, elos sociais que visam a uma melhor adaptação ao mundo e, conseqüentemente, à

sobrevivência, à preservação e perpetuação de uma cultura, hábitos e tradições. Através desse processo de socialização, ele vai, ao longo do tempo, estabelecendo signos, criando laços afetivos, tecnologias diversas e construindo diversas formas de comunicação, aprendizagem e produção de conhecimento.”

Flusser (2007), definiu a comunicação humana como sendo “um processo artificial. Baseia-se em artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados em códigos.”

## 2.2 Evolução tecnológica e impactos na disseminação de informação médica

A crescente utilização por parte dos indivíduos das tecnologias de informação e comunicação, vai implicar uma maior autonomia do paciente, no que se refere à informação médica e à saúde.

Segundo dados estatísticos, disponibilizados pela UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento, verifica-se que a percentagem de pessoas que acedeu à *internet* em 2006 rondou os 36%, em 2008 os 42% e em 2010 passou para 51% (Tabela 4).

**Tabela 4: Utilizadores de *internet* (%)**

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Utilizadores de Internet	19	26	29	32	36	40	42	46	51

**Fonte:** INE/UMIC, inquérito à utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação pelas Famílias Indivíduos entre 16 e os 74 anos

Recorrendo ainda a dados da UMIC constata-se que em 2003, 25% dos indivíduos entre 16 e 74 anos utilizaram a *internet* no 1º trimestre de cada ano para pesquisar informação sobre saúde. Em 2006 passou para 39% e em 2010 para 59%, verificando-se um aumento muito significativo desde 2003 (Tabela 5).

**Tabela 5: Utilizadores de *internet* por atividades realizadas (%)**

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
<b>Comunicação</b>								
Enviar / receber <i>e-mails</i>	78	81	81	81	84	85	86	88
Colocar mensagens em <i>chats, blogs, newsgroups</i> ou fóruns de discussão <i>online</i> ou comunicar através de mensagens escritas em tempo real (ex: <i>messenger</i> )*	.	.	.	.	.	65	45	69
Colocar conteúdo pessoal num sítio na Internet	.	.	.	.	.	17	27	40
Telefonar ou fazer chamadas de vídeo (via <i>webcam</i> )**	10	11	10	16	22	x	25	26
Desenvolver <i>blogs</i>	.	.	7	10	14	11	14	14
<b>Pesquisa de informação e utilização de serviços online</b>								
Pesquisar informação de bens e serviços	82	79	81	84	83	81	87	86
<b>Pesquisar informação sobre saúde</b>	<b>25</b>	<b>19</b>	<b>31</b>	<b>39</b>	<b>45</b>	<b>51</b>	<b>61</b>	<b>59</b>
Ler / <i>download</i> jornais / revistas <i>online</i>	49	50	51	45	38	48	59	56
Jogar / <i>download</i> jogos, imagens, música	43	45	44	46	53	.	44	44

**Fonte:** INE/UMIC, inquérito à utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação pelas Famílias Indivíduos entre 16 e os 74 anos que utilizaram *internet* no 1º trimestre de cada ano

Com este avanço tecnológico, onde se destaca a difusão da *internet*, em particular do seu serviço *World Wide Web*, a procura de informação médica começou a integrar os hábitos de pesquisa dos indivíduos, quando sentem necessidade de obter mais informação neste domínio.

Com o surgimento da *web* os utilizadores eram sobretudo consumidores de conteúdos, com a passagem para a *web 2.0*, com todas as funcionalidades que lhe são inerentes, reúnem-se as condições para que os utilizadores passem a ser eles próprios produtores e difusores de informação (prosumers<sup>1</sup>), ganhando mais sentido a expressão proposta por Lévy de “inteligência coletiva” (Lévy, 1999), criando a “sociedade em rede”, como denominou Castells (2007), que defende que a importância das tecnologias de informação e comunicação não está só relacionada com o avanço tecnológico, mas também com as alterações na organização social e nas estruturas de base das sociedades.

<sup>1</sup> Alvin Toffler na obra “A Terceira Vaga” foi um dos precursores da expressão produ-sumidor remetendo para um maior envolvimento do consumidor no processo de produção (Toffler, 2000).

“As tecnologias de informação e comunicação e as redes que elas geram expressam as tendências do processo de globalização e a reconfiguração do tempo e do espaço. Através da *internet* – a tecnologia de informação e comunicação mais revolucionária das sociedades contemporâneas – vivemos a experiência de poder circular num espaço-tempo virtual, que nos permite a possibilidade de conhecer novas maneiras de fazer, de ser e viver no mundo atual, provocando alterações de fundo em todas as esferas da ação humana.” (Espanha, 2008).

Terra (2009) realça que “os surpreendentes níveis de adesão da população mundial às ferramentas sociais da *web 2.0*, posicionam as redes digitais como instrumentos mediadores das relações sociais dos mais diversos setores da sociedade.”

Qualquer utilizador passa de mero consumidor a produtor de conteúdos, podendo publicar, partilhar e trocar livremente informação hipermédia, sem necessitar de conhecimentos específicos na área de informática e todos os utilizadores passam a ter um papel ativo na criação e partilha de informação. Todos podem pesquisar, todos podem partilhar.

Segundo Bueno (2006) com a *web* “o mundo ficou maior, mais rápido e mais próximo”. De acordo com Gonçalves (2009), a transição da *web* para a *web 2.0*, cria novas oportunidades para produzir e partilhar conhecimento, o que permite ao utilizador ter um papel mais ativo.

### **2.2.1 Transição da *web* para *web 2.0***

A *web* é um serviço assente na *internet*, cada vez mais dinâmico, em evolução constante, que ao longo dos anos foi impregnando gradualmente as nossas vidas, o nosso dia-a-dia e que, a pouco e pouco, de acordo com Kelly (2007), num espaço temporal de 5000 dias, se apoderou completamente da nossa existência em praticamente todos os domínios: educação, saúde, ciência, comércio, economia, comunicação no âmbito pessoal e profissional, transportes e telecomunicações, cultura e entretenimento.

O ritmo evolutivo do serviço *web* na sociedade atual é de facto impressionante. Toda esta dinâmica da evolução tecnológica influenciou as nossas vidas e rotinas diárias de

forma maioritariamente positiva. A *web* criada originalmente progrediu até chegar à *web 2.0*, que ocupa lugar de destaque nas nossas vidas pessoais e profissionais atuais. O *Facebook*, o *Flickr*, os *Blogs*, o *MySpace*, as *Wikis*, o *Google Docs*, o *Google Maps*, etc, são ferramentas em contínuo aperfeiçoamento e que promovem a participação, a comunicação e a integração social.

Todos contribuem para a construção da *web* e todos trabalhamos para todos. Neste caso, sendo trabalho voluntário, é feito de bom agrado, motiva, é viciante e o nosso contributo, grande ou pequeno, pode fazer a diferença. Isso faz-nos sentir muito bem e, por isso, queremos mais e mais...

No início a *web* não passava de texto com hiperligações, posteriormente apareceu a imagem, depois o som e mais tarde o vídeo. Mais tarde surgiu a *web 2.0* e com ela a democratização do acesso à informação. Os utilizadores passam a ter possibilidade não só de criar e publicar informação, mas também de comentar, avaliar ou personalizar, conteúdos criados por outros utilizadores. Um dos princípios da *web 2.0* é que o seu conteúdo deve ser aberto, dando ao utilizador a possibilidade de o alterar. Funcionando em muitos casos como ferramenta pedagógica, permite a construção do conhecimento. Na área da saúde, toda esta possibilidade de criar, publicar, partilhar e comentar informação, permite a publicação de informação médica, nem sempre devidamente validada cientificamente.

“Nunca é demais reforçar de que ser letrado, no séc. XXI, não se cinge a saber ler e escrever, como ocorrera no passado. Esse conceito integra também a *web* e os seus recursos e ferramentas que proporcionam não só o acesso à informação, mas também a facilidade de publicação e de partilhar *online*. Estar *online* é imprescindível para existir, para aprender, para dar e receber” (Carvalho, 2008).

Ferramentas *web* como *blogs*, *wikis*, *podcasts*, atualizações de páginas através de *feeds RSS*, entre outras, permitem que médicos e pacientes criem, publiquem e partilhem informação médica. Ferramentas *web 2.0*, como são exemplos *wikis*, *podcasts*, *blogues*, *social bookmarking* e plataformas de conteúdo audiovisual, onde se destaca o *YouTube*, permitem a comunicação virtual na procura e construção do conhecimento.

Um paciente pode criar um *blog* pessoal e relatar a sua experiência e/ou opinião relativa a uma determinada doença, formas de a curar, centros de apoio ou apenas com a finalidade de encontrar algum apoio, por parte de pacientes com os mesmos problemas ou por outros que o queiram fazer, permitindo a partilha de opiniões.

A criação e publicação de *blogs* é muito escolhida por parte dos pacientes, porque, para além de ser gratuito, permite a publicação de imagens e vídeos e tem a vantagem de ser fácil a sua edição, não exigindo grandes conhecimentos informáticos. Pode-se comparar a um diário pessoal, onde as publicações são visualizadas da mais recente para a mais antiga. Qualquer leitor pode intervir publicando comentários, favorecendo assim o debate de ideias em diferentes perspetivas.

As *wikis*, podem ser vistas como um depósito de conteúdos, construído pelos utilizadores. São ferramentas colaborativas que permitem a produção de conteúdos, por um grupo de pessoas.

Os *podcasts*, são gravações áudio de entrevistas, conversas, leituras, entre outras.

Atualizações de páginas *feeds RSS*, permitem aos utilizadores uma atualização dos conteúdos. Ao contrário dos *blogues* e *wikis*, esta ferramenta não permite a criação de conteúdos, mas sim, a sua atualização. É uma ferramenta que proporciona aos utilizadores da *web* o acompanhamento da construção do conhecimento.

O *social bookmarking* é um serviço desenvolvido para criar e guardar listas de *sites* que o utilizador considere como favoritos.

A pesquisa de informação médica *online* está em crescimento, como sugerem os dados fornecidos pelo INE/UMIC (Tabela 5). Através da *internet* e recorrendo a *sites* de Sociedades Científicas Médicas, os pacientes podem informar-se e/ou questionar profissionais de saúde, com a garantia de que a informação obtida será uma informação credível. Com recurso à *web 2.0* e aos serviços a ela associados, é possível usar estratégias de comunicação que permitam a difusão de informação, onde é possível destacar, redes sociais, *blogs*, *youtube*, *wikis* e *podcasts*. A utilização destes recursos poderá permitir não só a comunicação *online síncrona ou assíncrona*, entre médico-



paciente, como também entre profissionais de saúde. Podem permitir ainda o esclarecimento de dúvidas, campanhas de sensibilização e prevenção de doenças, acesso a publicações periódicas informativas sobre a área da saúde, pesquisa de informação, criação e publicação de informação, partilha de opiniões, entre outras.

A maioria dos *sites* que disponibilizam informação médica *online* fazem-no gratuitamente. No entanto, começam a surgir *sites*, de outra natureza que não meramente informativa, associados a empresas que fazem desta área um negócio com rentabilidade. Um destes exemplos é o *site* “Segunda Opinião Médica”, <http://www.segundaopiniaomedica.pt> (Figura 1), associada a uma empresa de prestação de serviços, composta por diversas especialidades no domínio da medicina, permite aos pacientes obterem uma segunda opinião médica *online*, mediante uma quantia de 60 €, valor exigido em janeiro de 2012. Este *site*, permite aos pacientes cruzar informação e ficarem mais esclarecidos, relativamente a dúvidas e/ou tratamentos médicos a seguir.

Figura 1: *Site* de uma empresa de prestação de serviços, na área da medicina



URL: <http://www.segundaopiniaomedica.pt> (25/01/2012)

Do lado dos profissionais de saúde, *sites* relacionados com a medicina permitem obter informação sobre esta área. Como exemplo é possível referir “Eu sou Médico”,

<http://www.eusou.com/medico>, portal de serviços médicos *online*, com *links* para páginas portuguesas e internacionais ligadas à saúde e à medicina.

Não se pode dizer que o uso das ferramentas *web* atualmente, na área da saúde, esgote todas as suas potencialidades e que estas sejam utilizadas de forma correta, quer por profissionais de saúde, quer por pacientes.

### **2.3 Comunicação médico-paciente**

A relação médico-paciente foi-se alterando ao longo do tempo “deixou de ser vertical, de cima para baixo, para ser dialogado” (Bueno, 2006). A comunicação bilateral foi ganhando cada vez mais espaço na nossa sociedade e a necessidade de estar informado foi ganhando raízes, “para participar desse diálogo, o doente e seus familiares precisam estar informados” (Bueno, 2006), tornando-se assim pacientes informados, pacientes mais autónomos. Quanto mais informado estiver o paciente, mais autonomia tem para poder decidir. É a capacidade de distinguir o certo do errado que legitima a autonomia do indivíduo. Daí a necessidade de informação para poder decidir. Relativamente à autonomia, Espanha (2008) diz que esta “deve ser entendida como a afirmação por parte do indivíduo da sua capacidade de pensar e agir em função dos seus próprios critérios, valores e esforços”. A mesma autora explica ainda que a autonomia no campo da saúde, implica duas vertentes, porquanto implica também dois tipos de público distintos: a autonomia individual, que vai analisar como as novas tecnologias, vão influenciar a autonomia dos indivíduos, em relação à informação e prevenção de doenças, assim como a interação com os profissionais de saúde se altera ou não; através de outro ângulo, será de perceber também a autonomia dos profissionais de saúde, ou seja como as tecnologias, irão permitir uma melhoria na relação profissional entre parceiros da mesma área e, por outro lado, na relação médico-paciente.

Até algum tempo atrás o paciente ia ao médico e após descrever os seus sintomas, este prescrevia os medicamentos que achava adequados mediante o prognóstico elaborado. Ao paciente apenas restava cumprir estas “ordens”. Porém esta realidade tem vindo a

mudar consideravelmente, “os médicos estão deixando de ser detentores do saber e passam a ser desafiados por pacientes cada vez mais informados, que vasculham a *internet* em busca de informações sobre sintomas que vêm apresentando ou sobre doenças que já sabem que têm” (Reis, 2008). Este novo cenário vai culminar com uma maior participação do paciente nas decisões relacionadas com a sua saúde, “reduzindo a assimetria na relação médico-paciente” (Reis, 2008).

Por seu lado o médico deve ouvir o paciente e debater com ele as informações que ele recolheu, mostrando-lhe o que é correto e o que não é. O médico na sociedade atual “precisa saber lidar com esse novo comportamento do paciente mais informado, contribuindo assim para uma relação médico-paciente mais equilibrada” (Reis, 2008).

Segundo Madeira (2006), “essa mudança de comportamento dos pacientes é extremamente positiva uma vez que, munidos de informação, podem passar a elaborar perguntas mais objetivas, discutir sobre o tratamento receitado, adotando uma postura mais crítica.”

Tal como refere Terra (2009) antes “o médico era visto como uma autoridade inquestionável sobre o paciente. Com o passar do tempo, os próprios médicos retiraram essa obrigação de si e passaram a trabalhar em conjunto com o paciente, educando-o nos cuidados com a sua saúde. Hoje podemos ver pacientes “independentes” que pesquisam e procuram saber sobre determinado assunto, participam de grupos de discussões através da *internet* e se apresentam aos médicos para debater e confirmar as informações encontradas.”

Assiste-se a uma enorme mudança de atitude por parte dos pacientes. Assistem a conferências médicas *online*, recorrem muito mais a especialistas da área, usando as ferramentas *web 2.0*, tendo desta forma uma atitude muito mais ativa comparativamente com a atitude passada.

## 2.4 Procura de informação médica recorrendo à *internet* e aos serviços de comunicação nela suportados

Nunca existiram tantas e tão variadas tecnologias à disposição, assim como, nunca houve tanta informação disponível. Como realça Espanha (2008) "Grandes quantidades de informação sobre saúde e medicina são disponibilizadas a partir de diversas fontes – sejam essas fontes profissionais de saúde, especialistas de vários tipos, instituições públicas e privadas ou grupos de doentes e/ou consumidores – através de uma multiplicidade de canais informativos, tanto a partir dos media, como de base local ou interpessoal, em interação com médicos e outros profissionais de saúde, familiares, amigos, colegas de trabalho, etc.", responsabilizando desta forma o ser humano pela sua saúde e dos que lhe são próximos (familiares e/ou amigos).

“São inegáveis as possibilidades de acesso oferecidas pela *internet*, permitindo uma atualização contínua em relação a pesquisas, medicamentos, novas formas de tratamento, *sites* médicos e outras informações na área de saúde” (Reis, 2008). Esta ideia é reforçada também por Espanha (2008) quando refere que o “desenvolvimento da *internet* e a sua aplicação nos cuidados de saúde e na divulgação e informação sobre saúde abriu outras e novas oportunidades para que os pacientes se tornem “informados” em relação à sua saúde e ao seu bem-estar.”

Esta mudança não beneficia apenas os utentes: os profissionais da saúde também encontraram um espaço alternativo para atualização científica, antes restrita à literatura médica impressa ou aos encontros científicos.

“A pesquisa por artigos, notícias e novas tendências, divulgadas em tempo real, vem crescendo, tendo em vista que os profissionais precisam se atualizar ágil e continuamente. Na *internet* é possível encontrar novidades que não estão em livros e debater com outros profissionais casos e procedimentos, independente de onde estejam” (Terra, 2009).

Mas a preocupação dos indivíduos não se limita só a pesquisar informação, eles sentem necessidade de contribuir para essa informação, sendo cada vez maior a sua preocupação em “disponibilizar informações sobre doenças concretas em *sites*

específicos ou mais genéricos. Observa-se ainda a intenção dos doentes/utentes promoverem *sites* onde se partilham experiências e se promovem iniciativas de grupos com o objetivo de ajudar a minorar/ultrapassar os efeitos das doenças específicas” (Espanha, 2008).

“No que se refere aos canais de comunicação e interação destacam-se os *blogs*, *sites* e *fóruns* de discussões onde médicos e pacientes publicam informações sobre saúde e doença, tipos de tratamentos e trocam experiências” (Madeira, 2006).

Como referem Población, Goldenberg, Gomes, Soares, Ferreira, Kafajian & Braga, (1996), desde a primeira publicação científica, publicada em Paris em 1665, a comunicação tem vindo a crescer de tal forma que atualmente são várias e diferentes fontes que possibilitam a recolha de informação.

Já em 1987 alguns autores como Manheimer e Brecht alertavam para a necessidade de adotar novas tecnologias de informação, por forma a responder ao aumento incessante de informações. No entanto várias questões se colocam: que “tipo” de informação se recolhe? Qual o seu conteúdo, qualidade e credibilidade? De onde provém e de quem? Como é apresentada e como circula? Será que chega apenas “estar informado”? Será que o paciente informado está bem informado?

A crescente procura de informação sobre saúde e a grande quantidade disponível, vai moldando o paciente relativamente ao seu conhecimento sobre as doenças e os seus tratamentos. No entanto há algumas considerações que os pacientes deveriam ter em atenção. É que se há fontes credíveis, baseadas em dados científicos, existe também, informação duvidosa, sem fontes de referência e logicamente sem credibilidade. Toda a informação médica recolhida deve ser validada. Os pacientes deverão junto do seu médico, validar as informações obtidas. Este por sua vez deverá estar recetivo para ouvir e dialogar com o paciente sobre essa informação.

“O importante é termos sempre o bom senso de buscar informações consistentes de diferentes fontes, de forma que se evitem alarmismos e especialmente atitudes perigosas e de alto risco, como o autodiagnóstico e a automedicação” (Terra, 2009).

Embora a *internet* se revele muito útil, “veiculando informações e orientações de saúde de carácter educativo, abordando a prevenção de doenças, promoção de hábitos saudáveis, bem-estar, cuidados pessoais, qualidade de vida, utilidade pública e solução

de problemas de saúde coletiva” Terra (2009), o paciente deve estar atento quanto à credibilidade da informação e tentar sempre averiguar a sua veracidade. Deve ainda ter sempre em atenção que cada paciente tem características diferentes e por isso deve ser considerado individualmente.

“A informação de saúde apresentada na *Internet* deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada. A informação científica sobre doenças e tratamentos evolui com grande rapidez, portanto, a data da publicação ou da revisão da informação deve estar visível a fim de que o usuário tenha certeza da atualização da fonte” (Terra, 2009).

O paciente deve ter consciência e encarar esta recolha de informação como uma orientação. Não deverá em caso algum, fazer o seu próprio diagnóstico clínico ou a sua automedicação. Nunca deverá substituir a consulta médica: “a consulta pressupõe diálogo, avaliação do estado físico e mental do paciente” (Terra, 2009).

A saúde é um bem precioso, daí ser necessário um trabalho colaborativo. Médicos e pacientes devem unir-se, devem trabalhar em conjunto. Os profissionais de saúde devem trabalhar com os pacientes e não para os pacientes. Deve existir uma parceria entre ambos.

Os profissionais da saúde assumem que quando utilizada de forma correta e equilibrada, esta recolha de informação pode-se revelar muito positiva na comunicação entre médico-paciente, tornando-a mais aberta e participativa.

“O aumento da frequência com que o público se informa sobre saúde facilita o acesso à informação, colabora para a redução da distância entre médicos e pacientes e preenche carências emocionais dos pacientes. A *internet* funciona como uma atenção personalizada, compreensão dos problemas pessoais e apoio afetivo, exercendo, assim, uma função complementar aos serviços de saúde” (Terra, 2009).

Embora a *web* disponibilize uma grande quantidade de informação sobre saúde, não significa que esta se traduza em qualidade, especialmente numa área como a da saúde, tendo em atenção que esta é o bem essencial à vida, faz dela uma área muito sensível, em especial para pessoas fragilizadas física ou psicologicamente, podendo ser influenciadas por empresas ou profissionais pouco éticos, fazendo com que recorram a

práticas que se podem revelar prejudiciais à sua saúde, como é o exemplo da automedicação (Dutta-Bergman, 2009).

O conceito que devia prevalecer era o da promoção da saúde, no entanto, interesses financeiros se levantam e grupos privados como hospitais, clínicas médicas, laboratórios, indústria farmacêutica, entre outros, aproveitam-se da relação médico-paciente, fazendo prevalecer os seus interesses, esquecendo-se dos interesses dos cidadãos, considerando a área da saúde como um negócio rentável, publicitando e divulgando os seus produtos e serviços através da *web*. A este cenário junta-se também a indústria de alimentos e bebidas, com a divulgação do conceito produto saudável, atingindo sobretudo jovens e crianças (Dutta-Bergman, 2009).

Segundo Silver (2010) existe ainda outro problema: a privacidade. Um paciente quando relata situações relativas a si próprio em *sites*, pode tornar possível a quem lê que o identifiquem.

Espanha (2008) evidenciou que aparentemente a população mais idosa revela desinteresse na busca de informação médica. Como facilmente se entende esse motivo não está relacionado com a falta de problemas de saúde, mas sim com a falta de habilitações literárias e/ou competências informacionais que lhes permitam realizar essas pesquisas, estando assim mais dependentes dos profissionais desta área, não tendo acesso nem recursos para confrontar a informação recebida (Tabela 6).

**Tabela 6: Utilizadores de *internet* por escalão etário (%)**

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
16-24 anos	43	56	64	70	75	85	87	88	89
25-34 anos	30	37	43	46	54	58	69	77	79
35-44 anos	18	22	30	34	36	41	47	53	62
45-54 anos	12	18	20	21	24	26	30	36	41
55-64 anos	4	7	8	10	12	17	19	21	28
65-74 anos	1	1§	2§	2	3	4	5	7	10

**Fonte:** INE/UMIC, inquérito à utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação pelas Famílias Individuos entre 16 e os 74 anos, no escalão etário correspondente

Por outro lado, indivíduos com mais habilitações têm mais propensão para a utilização das novas tecnologias, independentemente da idade ou sexo (Tabela 7).

**Tabela 7: Utilizadores de *internet* por nível de escolaridade (%)**

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até ao 3.º ciclo	9	13	14	16	19	24	26	30	34
Ensino secundário	57	67	73	77	80	81	87	87	92
Ensino superior	69	78	84	85	87	90	91	93	96

**Fonte:** INE/UMIC, inquérito à utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação pelas Famílias Indivíduos entre 16 e os 74 anos, no nível de escolaridade correspondente

De acordo com os dados estatísticos publicados pelo INE – Instituto Nacional de Estatística, <http://censos.ine.pt>, referentes aos Censos de 2011, em Portugal é notória a progressão sentida a nível de instrução. Verifica-se uma redução no nível de instrução inferior e um aumento de quase o dobro para o ensino superior, representando atualmente cerca de 12% da população em comparação com 7% em 2001. Como é possível ver pela Tabela 8 existe um aumento muito significativo de indivíduos com o “ensino superior” de 1991 para 2011.

**Tabela 8: População residente em Portugal segundo o nível de instrução mais elevado e completo**

ZONA GEOGRÁFICA	1991			2001			2011		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
Nenhum	3 403 926	1 453 866	1 950 060	2 732 254	1 152 169	1 580 085	2 023 094	879 662	1 143 432
Ensino básico 1º ciclo	3 214 016	1 650 855	1 563 161	2 882 955	1 477 680	1 405 275	2 680 333	1 290 632	1 389 701
Ensino básico 2º ciclo	1 446 277	762 899	683 378	1 430 146	755 781	674 365	1 403 249	764 420	638 829
Ensino básico 3º ciclo	778 499	391 590	386 909	1 426 255	752 009	674 246	1 687 085	882 766	804 319
Ensino Secundário	643 341	320 885	322 456	1 143 448	546 656	596 792	1 362 660	652 627	710 033
Ensino pós-secundário	97 013	26 784	70 229	66 965	32 729	34 236	142 744	79 300	63 444
Ensino superior	284 075	149 896	134 179	674 094	283 117	390 977	1 262 449	497 980	764 469

**Fonte:** INE/Censos 2011



Pessoas com mais habilitações literárias terão maior propensão para utilizar serviços assentes em *internet*, com vista à aquisição de mais informação e conhecimento (Tabela 9).

**Tabela 9: Utilizadores de *internet*, por escalão etário e nível de escolaridade completo (%)**

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>26</b>	<b>29</b>	<b>32</b>	<b>36</b>	<b>40</b>	<b>42</b>	<b>46</b>	<b>51</b>
<b>16-24 anos</b>									
Até ao 3.º ciclo	29	44	50	59	65	78	80	82	83
Ensino secundário	70	82	89	92	93	95	96	96	98
Ensino superior	74	87	94	95	95	100	100	100	95
<b>25-54 anos</b>									
Até ao 3.º ciclo	7	10	13	15	19	24	27	34	40
Ensino secundário	52	63	70	75	78	77	86	87	92
Ensino superior	74	84	90	91	93	95	95	96	98
<b>55-74 anos</b>									
Até ao 3.º ciclo	1	2	2	2	3	5	6	7	10
Ensino secundário	20	21	5	30	47	53	60	58	77
Ensino superior	28	42	51	53	54	63	66	73	85

**Fonte:** INE/UMIC, inquérito à utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação pelas Famílias Indivíduos entre os 16 e os 74 anos, no escalão etário e nível de escolaridade correspondentes

Como se pode verificar, indivíduos que se encontram num escalão etário mais baixo, entre 16 e 24 anos, são aqueles que têm uma maior tendência para a procura de informação com recurso à *internet*. É de realçar que nesta faixa etária o nível de escolaridade não tem grande interferência. Em 2010 a percentagem de utilizadores de *internet*, que se encontram dentro desta faixa etária, com um nível de escolaridade “até ao 3º ciclo”, foi de 83%, enquanto para o nível de escolaridade “ensino superior”, foi de 95%, não existindo aqui uma variância muito significativa. O mesmo já não se verifica para os restantes escalões etários: para indivíduos com idades compreendidas entre 25 e 54 anos, a percentagem de indivíduos um nível de escolaridade “até ao 3º ciclo”, era de 40% e com o “ensino superior”, de 98%. Como se pode verificar, a percentagem de indivíduos, nesta faixa etária, que utilizam a *internet*, difere em mais do dobro de um

nível de ensino para o outro. Esta situação agrava-se quando se trata de indivíduos que se encontram num escalão etário entre os 55 e 74 anos.

Estes resultados ilustram o facto de as gerações mais novas desde muito cedo serem confrontadas com as novas tecnologias, não havendo por isso grandes entraves à sua utilização.

#### **2.4.1 Difusão de informação médica na era 2.0**

São diversos os problemas e temas de saúde que causam preocupação e debate: doenças como o cancro, a SIDA, doenças públicas que alarmam os cidadãos, como a gripe aviária e a gripe suína, bem como os elevados custos nos tratamentos de saúde, são assuntos de interesse comum. Agências internacionais como a OMS (Organização Mundial de Saúde) ganham relevância coordenando “esforços na área da saúde em âmbito global, para os quais é de fundamental importância a agilidade na transmissão de dados e informações entre todos os países, que é impulsionada cada vez mais pela estrutura das tecnologias em rede” (Terra, 2009). Com base nestas necessidades são já vários os países que têm desenvolvido fontes que permitem a divulgação de informação, alertas específicos e campanhas de prevenção.

São vários os obstáculos com que a área da saúde se depara, Terra (2009) evidencia algumas formas de superar estes obstáculos:

“- Estimular ações preventivas voltadas para a saúde dos pacientes, por meio de:

- estruturação de canais de relacionamento entre profissionais de saúde e pacientes;
  - mobilização dos pacientes de forma coletiva, na busca de melhor qualidade de vida e pela superação dos desafios.
- Viabilizar a integração completa entre as bases de informações, muito além dos relatórios numéricos, propiciando:
- bases comuns de informações sobre históricos médicos dos pacientes;
  - intensa troca de conhecimentos entre profissionais de saúde. “

Recorrendo às potencialidades da *web 2.0* como forma de alcançar estes objetivos, várias iniciativas tem sido implementadas, criando o conceito *Health 2.0*, como referiu Terra, 2009.

Ao consultarem *sites* de informação médica, os pacientes devem ter em atenção algumas preocupações importantes:

- preferir sempre *sites* oficiais aos pessoais;
- pesquisar em vários *sites*, é essencial cruzar informação;
- tentar identificar quem escreve e saber se há algum contato, pois, qualquer um pode fazer passar-se por médico;
- ter em atenção que um médico *online* deverá ser para esclarecer dúvidas, nunca para elaborar um diagnóstico (Terra, 2009).

## **2.5 Exemplos de *sites*/serviços de divulgação e procura de informação médica *online***

Em Janeiro de 2007, uma jovem autista, Amanda Baggs publicou um vídeo no *YouTube*, onde descreve a sua experiência enquanto pessoa autista. A difusão mundial deste vídeo, para além de ter possibilitado às pessoas compreenderem melhor conceitos relacionados com o autismo, permitiu ainda que o autismo fosse repensado por especialistas, alertando para alguns detalhes específicos relacionados com esta doença.

São inúmeros os *sites*/serviços de divulgação médica à disposição dos profissionais de saúde e pacientes, entre os quais se passa a destacar alguns, que permitem pesquisa sobre informação médica (Tabela 10).

Estes *sites* têm à disposição de profissionais de saúde e pacientes, entre outras, informação relativa a doenças, alimentação, medicamentos, farmácias, publicações científicas, nomes de especialistas e locais de tratamento.

**Tabela 10: Exemplos de sites/serviços de divulgação médica**

<b>Nome do site</b>	<b>URL [Data Consulta -12/02/2012]</b>	<b>Descrição do site</b>
Portal da Saúde	<a href="http://www.min-saude.pt/portal">http://www.min-saude.pt/portal</a>	Entre outros serviços <i>online</i> , permite pesquisas sobre medicamentos, farmácias, publicações científicas e possibilidade de colocação de questões a especialistas da área da saúde.
Repositório Científico do Instituto Nacional de Saúde	<a href="http://www.repositorio.insa.pt">http://www.repositorio.insa.pt</a>	Divulga publicações científicas produzidas pelo Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (INSA). Neste site pode-se encontrar informação relativa a alimentação, doenças infecciosas, crónicas, epidemiologia, entre outras.
Raríssimas – Associação Nacional de Deficiências Mentais e Raras	<a href="http://www.rarissimas.pt">http://www.rarissimas.pt</a>	Um <i>site</i> de apoio a pessoas com doenças raras.
Alzheimer Portugal	<a href="http://www.alzheimerportugal.org">http://www.alzheimerportugal.org</a>	Para familiares e amigos de doentes de Alzheimer.
Associação Protetora dos Diabéticos de Portugal.	<a href="http://www.apdp.pt">http://www.apdp.pt</a>	Associação Protetora dos Diabéticos de Portugal.
Portal de saúde pública.	<a href="http://www.saudepublica.web.pt">http://www.saudepublica.web.pt</a>	Portal de saúde pública.
Alto Comissariado da Saúde.	<a href="http://www.acs.min-saude.pt/acs">http://www.acs.min-saude.pt/acs</a>	Alto Comissariado da Saúde.
Associação Portuguesa de Asmáticos.	<a href="http://www.apa.org.pt">http://www.apa.org.pt</a>	Associação Portuguesa de Asmáticos.
Associação Portuguesa Contra a Leucemia.	<a href="http://www.contraleucemia.org">http://www.contraleucemia.org</a>	Associação Portuguesa Contra a Leucemia.

Neste capítulo abordou-se numa perspetiva teórica a utilização da *internet* no contexto da difusão e procura de informação médica, seguidamente passa-se para a parte mais operacional desta investigação.

## **PARTE II: ESTUDO DE UMA AMOSTRA DE *SITES* DE SOCIEDADES CIENTÍFICAS DE ESPECIALIDADES MÉDICAS E APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS PELA APLICAÇÃO DOS INQUÉRITOS A PROFISSIONAIS DE SAÚDE E A PACIENTES**

Na segunda parte da dissertação é feita a análise e discussão dos dados recolhidos, quer pela observação de uma amostra de *web sites*, referentes a Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, com base numa grelha de avaliação, quer através da aplicação de um inquérito por questionário a profissionais de saúde (médicos) e a pacientes.



## **CAPÍTULO 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS RECOLHIDOS**

Os dados obtidos pela aplicação da grelha de análise aos doze *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas (Anexo 1), pela aplicação dos inquéritos por questionário a profissionais de saúde (Anexo 2) e a pacientes (Anexo 3) serão descritos e debatidos neste capítulo, segundo o âmbito do projeto de investigação. Primeiro será feita a contextualização da recolha de dados e seguidamente a sua análise.

### **3.1 Procedimento de recolha de dados**

Numa primeira fase foi feita uma observação não sistematizada aos *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas. Mediante essa observação foi selecionada uma amostra de doze *sites*. Da amostra fazem parte as Sociedades Científicas de Especialidades Médicas que disponibilizavam nos seus *sites*, como estratégia de comunicação *online*, ferramentas *web 2.0*, bem como Sociedades Científicas de Especialidades Médicas que não recorrem a este tipo de estratégia ou recorrem pouco. Esta análise foi levada a cabo durante o mês de março de 2012.

Numa segunda fase foi aplicado um inquérito por questionário a uma amostra por conveniência, composta por dez profissionais de saúde e por trinta pacientes, com perfis heterogéneos no que se refere a idade, habilitações literárias, literacia tecnológica e necessidades de informação. Estes inquéritos foram aplicados durante os meses de maio e junho de 2012, nos concelhos de Arouca, Espinho, Gondomar, Porto, Vale de Cambra, Valongo e Vila Nova de Gaia.

### **3.2 Análise dos *web sites* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas**

Uma das estratégias metodológicas implementadas no projeto de investigação foi a análise de uma amostra de *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas (n = 12). Tal como referido anteriormente os *sites* selecionados para o efeito foram: Sociedade Portuguesa de Cardiologia (Figura 2), Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla (Figura 3), Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (Figura 4), Sociedade Portuguesa de Estomatologia e Medicina Dentária (Figura 5), Sociedade Portuguesa de Cirurgia (Figura 6), Sociedade Portuguesa de Menopausa (Figura 7), Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica (Figura 8), Sociedade Portuguesa de Pediatria (Figura 9), Sociedade Portuguesa de Diabetologia (Figura 10), Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica (Figura 11), Sociedade Portuguesa de Gastrenterologia (Figura 12) e Sociedade Portuguesa de Ortopedia Dento-Facial (Figura 13). É de salientar que a análise levada a cabo neste estudo, retrata a visão do utilizador sem registo. Em *sites* em que é possível efetuar registo, existirá, por certo a possibilidade de ter acesso a outros conteúdos.



A Sociedade Portuguesa de Cardiologia foi fundada em 1949 e tem sede em Lisboa. O seu principal objetivo é promover o desenvolvimento da cardiologia ao serviço da saúde da população portuguesa.

Figura 2: Sociedade Portuguesa de Cardiologia



URL: <http://www.spc.pt> (12/03/2012)

A Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla foi criada em 1984 e tem sede em Lisboa.

Figura 3: Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla



URL: <http://www.spem.org> (12/03/2012)

A Sociedade Portuguesa de Oftalmologia foi constituída em 1939, com sede em Lisboa, tem como principal finalidade, promover e contribuir para o desenvolvimento da oftalmologia.

Figura 4: Sociedade Portuguesa de Oftalmologia



URL: <http://www.spoftalmologia.pt> (12/03/2012)

Constituída em junho de 1919, a Sociedade Portuguesa de Estomatologia e Medicina Dentária foi a primeira especialidade médica a organizar-se em sociedade científica. Com cerca de 3000 associados tem atualmente a sua sede em Lisboa.

Figura 5: Sociedade Portuguesa de Estomatologia e Medicina Dentária



URL: <http://www.spemd.pt> (13/03/2012)

Com sede em Lisboa, a Sociedade Portuguesa de Cirurgia pretende recolher o maior número de dados pessoais e institucionais, que lhe permita ter uma panorâmica da história da cirurgia portuguesa nos últimos 50 anos.

**Figura 6: Sociedade Portuguesa de Cirurgia**



URL: <http://www.spcir.com> (13/03/2012)

Fundada em 1995, com sede em Lisboa, a Sociedade Portuguesa de Menopausa tem como principal finalidade a divulgação e informação da temática da menopausa, quer junto da população, quer junto da comunidade médica.

**Figura 7: Sociedade Portuguesa de Menopausa**



URL: <http://www.spmenopausa.pt> (13/03/2012)

Com sede em Lisboa, a Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica tem como finalidade a dinamização de reuniões científicas e encontros nacionais, a promoção e divulgação de consultas públicas de sexologia clínica e manutenção de parcerias com instituições internacionais, com vista à promoção da investigação.

Figura 8: Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica



URL: <http://www.spsc.pt> (14/03/2012)

A Sociedade Portuguesa de Pediatria foi fundada em 1948 e tem sede em Lisboa. Tem como preocupação constante, a promoção da criança em Portugal e no mundo.

Figura 9: Sociedade Portuguesa de Pediatria



URL: <http://www.spp.pt> (14/03/2012)

Com sede em Lisboa, a Sociedade Portuguesa de Diabetologia tem como finalidade, promover, cultivar e desenvolver a investigação e o ensino da diabetologia. Fomentar o convívio e troca de ideias entre sócios é também uma preocupação desta sociedade médica.

**Figura 10: Sociedade Portuguesa de Diabetologia**



URL: <http://www.spd.pt> (14/03/2012)

A Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica tem sede em Lisboa. O seu principal objetivo social é promover e estimular o estudo nesta área.

**Figura 11: Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica**



URL: <http://www.spaic.pt> (15/03/2012)

Fundada em 1960, com sede em Lisboa, a Sociedade Portuguesa de Gastreenterologia pretende desenvolver atividades educacionais no domínio da gastreenterologia, ao serviço da população portuguesa.

**Figura 12: Sociedade Portuguesa de Gastreenterologia**



URL: <http://www.spg.pt> (15/03/2012)

A Sociedade Portuguesa de Ortopedia Dento-Facial é a única sociedade médica das analisadas que tem sede no Porto. Foi fundada em 1986.

**Figura 13: Sociedade Portuguesa de Ortopedia Dento-Facial**



URL: <http://www.spodf.pt> (17/03/2012)

Para a análise dos *sites* foi elaborada uma grelha, onde foram consideradas as dimensões de avaliação: “conteúdos”, “usabilidade” e “novos recursos de comunicação”.

Na dimensão “conteúdos” foram analisados os componentes: - “requisitos mínimos”, “apresentação dos conteúdos” e “elementos multimédia”. Para a dimensão “usabilidade”, foi analisada a “acessibilidade” (página principal do *site*), a “navegação interna” e a “identidade gráfica”. Na dimensão de avaliação “novos recursos de comunicação”, foram analisados os componentes “comunicação”, “ferramentas síncronas”, “ferramentas *web 2.0*” e “tipologia de informação”.

Com recurso a uma escala cromática, foi feita a classificação dos indicadores. A cor verde foi utilizada para indicar a presença do indicador, a cor amarela para indicar a presença apenas em parte do indicador e a cor vermelha para indicar a ausência do indicador:

- - O *web site* contém o item referido
- - O *web site* não contém o item referido
- - O *web site* contém parcialmente o item referido

Seguidamente apresentam-se os dados obtidos, pela aplicação da grelha de observação.

### **3.2.1 Conteúdos**

A Tabela 11 apresenta os dados obtidos pela aplicação da grelha de observação, no que diz respeito à dimensão de avaliação “conteúdos” para os componentes “requisitos mínimos”, “apresentação dos conteúdos” e “elementos multimédia”.

Tabela 11: Dados obtidos relativamente à dimensão ‘conteúdos’, no que se refere a ‘requisitos mínimos’, ‘apresentação dos conteúdos’ e ‘elementos multimédia’

<b>Conteúdos</b>	<b>Requisitos mínimos</b>	Contactos	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Notícias/Eventos	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		FAQs	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Data da última atualização	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Data da próxima atualização	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Diversidade de conteúdos	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Site multilíngue	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	<b>Apresentação dos conteúdos</b>	Textos sucintos	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Linguagem clara e acessível	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Uniformidade nas fontes, tamanhos e estilos de texto	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Organização hierárquica visual dos elementos (grelha)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Fontes não serifadas	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Contraste texto-fundo	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Esquema cromático institucional	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Direitos de autor e questões legais	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	<b>Elementos Multimédia</b>	Imagens estáticas	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Animação	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Áudio	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Vídeo	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
			Soc. Port. de Cardiologia	Soc. Port. de Esclerose Múltipla	Soc. Port. de Oftalmologia	Soc. Port. de Estomatologia e Medicina Dentária	Soc. Port. de Cirurgia	Soc. Port. de Menopausa	Soc. Port. de Sexologia Clínica	Soc. Port. de Pediatria	Soc. Port. de Diabetologia	Soc. Port. de Alergologia e Imunologia Clínica	Soc. Port. de Gastroenterologia	Soc. Por. de Ortopedia Dento-Facial



### **3.2.1.1 Requisitos mínimos de informação a disponibilizar por um *web site***

No que diz respeito à disponibilização de “contactos”, através de Tabela 11 verifica-se que todos os *sites* dispõem deste item. Quanto a “notícias/eventos” encontra-se ausente apenas na Sociedade Portuguesa de Ortopedia Dento-Facial. No que diz respeito ao indicador “*FAQs*” (Perguntas Frequentes) encontra-se ausente na maioria dos *sites*, estando apenas presente em três: Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla, Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica e na Sociedade Portuguesa de Ortopedia Dento-Facial. A presença de informação relativa à atualização dos *sites* é praticamente inexistente. Somente o *site* da Sociedade Portuguesa de Gastrenterologia tem presente a data da última atualização, ou seja, os indicadores data da última e da próxima atualização não se encontram disponíveis na maioria dos *sites*. A “diversidade de conteúdos” encontra-se presente em todos os *sites* à exceção do *site* da Sociedade Portuguesa de Ortopedia Dento-Facial, que se considerou estar muito limitado, a nível dos conteúdos disponibilizados: possui apenas informação de localização, contacto, ano de fundação, uma pequena descrição do tipo de profissionais e uma secção de perguntas frequentes. O indicador “*site multilingue*” encontra-se ausente na maioria dos *sites*, à exceção dos *sites* Sociedade Portuguesa de Pediatria e do *site* Sociedade Portuguesa de Gastrenterologia.

### **3.2.1.2 Apresentação dos conteúdos**

Como se pode ver na Tabela 11 no que diz respeito aos indicadores “textos sucintos”, “linguagem clara e acessível”, “uniformidade nas fontes, tamanhos e estilos de texto nas páginas do *web site*”, “organização hierárquica visual dos elementos”, “fontes não serifadas”, “contraste texto-fundo”, “esquema cromático institucional” e “direitos de autor e questões legais”, todos estão presentes em todos os *sites*, à exceção do último que não se encontra presente na Sociedade Portuguesa de Ortopedia Dento-Facial.

### 3.2.1.3 Elementos multimédia

No que diz respeito a elementos multimédia, estes são praticamente inexistentes nos *sites* analisados, “imagens estáticas”, são comuns a todos eles, mas o “áudio” não marca presença e o “vídeo” só existe em quatro *sites*: Sociedade Portuguesa de Cardiologia, Sociedade Portuguesa de Cirurgia, Sociedade Portuguesa de Menopausa e Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica. A informação por vídeo permite associar som e imagem, tornando o conteúdo mais compreensível, agradável e de fácil assimilação, quando comparado com o texto. Como hoje em dia o paciente está cada vez mais informado, sente a necessidade de conhecer em mais pormenor os seus problemas, as possíveis soluções e quais as consequências. O recurso ao vídeo permite visualizar procedimentos clínicos de forma bastante detalhada: muitos pacientes procuram imagens de operações, doenças ou sintomas semelhantes aos seus para melhor compreenderem a sua situação. De igual forma a “animação” também é quase inexistente, marcando presença apenas na Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica, mas só como animação do título das páginas do *site*. Nas Sociedades Portuguesas de Cirurgia e de Ortopedia Dento-Facial está presente parcialmente, na medida em que, o que é disponibilizado pelos *sites* não se pode considerar verdadeira animação, mas sequências de imagens dinâmicas. As animações podem criar empatia com o paciente não só para conquistar a sua atenção, mas também por ter um efeito semelhante ao do vídeo, na partilha da informação.

### 3.2.2 Usabilidade

A Tabela 12 apresenta os dados obtidos pela aplicação da grelha de observação, no que diz respeito à dimensão de avaliação “usabilidade”, para os componentes “acessibilidade”, “navegação interna” e “identidade gráfica”.

Tabela 12: Dados obtidos relativamente à dimensão ‘usabilidade’, no que se refere a ‘acessibilidade’, ‘Navegação interna’ e ‘identidade gráfica’

		SPC – Soc. Port. de Cardiologia	Soc. Port. de Esclerose Múltipla	Soc. Port. de Oftalmologia	Soc. Port. de Estomatologia e Medicina Dentária	Soc. Port. de Cirurgia	Soc. Port. de Menopausa	Soc. Port. de Sexologia Clínica	Soc. Port. de Pediatria	Soc. Port. de Diabetologia	Soc. Port. de Alergologia e Imunologia Clínica	Soc. Port. de Gastroenterologia	Soc. Port. de Ortopedia Dento-Facial	
<b>Usabilidade</b>	<b>Acessibilidade (página principal do site)</b>	Acesso através de diferentes <i>browsers</i> ( <i>Internet Explorer 9; Mozilla Firefox 10; Google Chrome 16; Safari 5</i> )	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
		Presença nos principais motores de busca ( <i>Google, Sapo, Yahoo, Altavista, Aeiou</i> )	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Tempo de carregamento de página <sup>2</sup> (< 8 seg)	1.0 s	1.6 s	1.4 s	1.4 s	1.6 s	1.0 s	0.0 s	2.2 s	4.0 s	1.0 s	0.7 s	0.3s
	<b>Navegação interna</b>	Compatibilidade de <i>browsers</i> (acesso das páginas internas do <i>site</i> através de diferentes <i>browsers</i> )	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Mapa do <i>site</i>	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Barra de navegação com sub-itens	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Motor de pesquisa interno ao site (pesquisar)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	<b>Identidade gráfica</b>	A identidade gráfica é mantida entre páginas	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
		Bom contraste nas cores usadas	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

<sup>2</sup> Para contabilizar este item foi usado o <http://www.linkvendedor.com/seo-tools/speedtester.html> (13-04-2012).

### 3.2.2.1 Acessibilidade (página principal do site)

Como mostra a Tabela 12 no que diz respeito à dimensão de avaliação “usabilidade”, um dos componentes analisados foi a “acessibilidade” (página principal do *site*) tendo-se constatado que todos os *web sites* permitem acesso através de diferentes *browsers* (*Internet Explorer, Mozilla, Firefox, Google Chrome, Safari*). Todos eles também, marcam “presença nos principais motores de busca (*Google, Sapo, Yahoo, Altavista, Aeiou*)”. No que diz respeito ao “tempo de carregamento de página” este varia muito: existem *sites* que demoram 0.3 segundos, como é o *site* da Sociedade Portuguesa de Ortopedia Dento-Facial, *sites* a demorar 1.0 segundos, como é o exemplo dos *sites* das Sociedades Portuguesas de Cardiologia, Menopausa e Alergologia Clínica. O *site* que demorou mais tempo foi o da Sociedade Portuguesa de Diabetologia, com 4.0 segundos.

### 3.2.2.2 Navegação interna

Como se pode ver pela Tabela 12 a “compatibilidade de *browsers* (acesso das páginas internas do *site* através de diferentes *browsers*)”, é respeitada. Esta análise tornou-se possível com recurso ao *Internet Explorer 9, Mozilla Firefox 10, Google Chrome 16 e Safari 5*. Só os *sites* da Sociedade Portuguesa de Cardiologia, Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla e Sociedade Portuguesa de Cirurgia, apresentam “mapa do *site*”. Nos restantes *sites* este indicador encontra-se ausente. Relativamente à “barra de navegação com sub-itens” encontra-se presente na generalidade dos *sites*, com exceção da Sociedade Portuguesa de Cirurgia, Sexologia Clínica e de Ortopedia Dento-Facial, que só satisfazem esta condição parcialmente, ou seja, existe uma barra de navegação mas sem sub-itens. No que diz respeito ao “motor de pesquisa interno ao *site*” (Pesquisar) é inexistente em quatro dos *sites*, Sociedade Portuguesa de Cardiologia, de Cirurgia, de Menopausa e Sexologia Clínica.

### 3.2.2.3 Identidade gráfica

Em todos os *sites* a “identidade gráfica do *site* é mantida entre páginas” e o “bom contraste nas cores usadas” foi levado em conta (Tabela 12).

### 3.2.3 Novos recursos de comunicação

A Tabela 13 apresenta os dados obtidos pela aplicação da grelha de observação, no que diz respeito à dimensão de avaliação “novos recursos de comunicação”, para os indicadores “comunicação”, “ferramentas síncronas”, “ferramentas *web* 2.0” e “tipologia da informação”.

**Tabela 13: Dados obtidos relativamente à dimensão ‘novos recursos de comunicação’, no que se refere a ‘comunicação’, ‘ferramentas síncronas’, ‘ferramentas *web* 2.0’ e ‘tipologia da informação’**

		Novos Recursos de Comunicação												
		SPC – Soc. Port. de Cardiologia	Soc. Port. de Esclerose Múltipla	Soc. Port. de Oftalmologia	Soc. Port. de Estomatologia e Medicina Dentária	Soc. Port. de Cirurgia	Soc. Port. de Menopausa	Soc. Port. de Sexologia Clínica	Soc. Port. de Pediatria	Soc. Port. de Diabetologia	Soc. Port. de Alergologia e Imunologia Clínica	Soc. Port. de Gastroenterologia	Soc. Por. de Ortopedia Dento-Facial	
Comunicação	Correio eletrónico	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
	<i>Fórum</i>	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
	<i>Newsletter</i>	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
	Sugestões/opiniões <i>online</i>	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
Ferramentas síncronas	<i>Chat</i>	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
	<i>Skype</i>	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
	<i>Google Talk</i>	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
Ferramentas <i>Web</i> 2.0	Blogues	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
	<i>Wiki</i>	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
	Redes Sociais ( <i>Facebook, Tweeter, MySpace, Orkut,</i>	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	

<b>Tipologia da Informação</b>	Google+)												
	Post's	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Podcasts	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Social bookmarking	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Atualizações de páginas através de feeds RSS	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Plataformas de conteúdos AV (Vimeo, Youtube)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	História	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Estrutura Orgânica	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Estatutos	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Congressos e Reuniões	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Sociedades Congéneres	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Serviços	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Protocolos	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Regulamento Interno	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Formação	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Investigação	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Inscrições	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
Publicações	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
Projetos/Iniciativas	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
Pesquisar	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
Parceiros	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
Área reservada aos sócios	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	

### 3.2.3.1 Comunicação

Pela análise da Tabela 13 verifica-se que existem quatro *sites* que não disponibilizam ainda “correio eletrónico”: Sociedade Portuguesa de Oftalmologia, de Estomatologia e Medicina Dentária, de Menopausa e de Sexologia Clínica. Apenas três permitem a possibilidade de “*fórum*”, a Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla, de Pediatria e de Alergologia e Imunologia Clínica. Na primeira, o acesso ao *fórum* está acessível a qualquer utilizador, sendo apenas necessário fazer um registo, nas duas últimas o acesso ao *fórum* é restrito a sócios. As “sugestões/opiniões *online*” registam presença, em apenas três *sites*: Sociedade Portuguesa de Cardiologia, de Esclerose Múltipla e de

Cirurgia. No *site* de Alergologia e Imunologia Clínica encontra-se este item, mas apenas parcialmente, ou seja, a opção de envio de sugestões só está disponível para membros registados. No que se refere ao indicador “*newsletter*”, este encontra-se presente em sete dos *sites* analisados e ausente nos restantes cinco, na Sociedade Portuguesa de Oftalmologia, de Estomatologia e Medicina Dentária, de Cirurgia, de Menopausa e de Ortopedia Dento-Facial.

### 3.2.3.2 Ferramentas síncronas

No que se refere a ferramentas de comunicação síncronas, estas estão completamente ausentes em todos os *sites* (Tabela 13).

### 3.2.3.3 Ferramentas *web 2.0*

Se observamos atentamente a Tabela 13 verifica-se que existe uma mancha vermelha muito acentuada, o que vem ao encontro das constatações efetuadas na elaboração dos inquéritos por questionário a profissionais de saúde e a pacientes. Como será possível verificar através da Tabela 19 e da Tabela 28, as Sociedades Científicas de Especialidade Médica não exploram eficazmente as potencialidades das ferramentas *web 2.0*. Blogues, “*wikis*”, “*posts*” e “*social bookmarking*” estão ausentes em todos os *sites*. “Plataformas de conteúdos AV” encontram-se presentes em apenas dois *sites*, Sociedade Portuguesa de Cardiologia e de Esclerose Múltipla. As “atualização de páginas através de *feeds RSS*”, também só se encontram presentes em dois *sites*, na Sociedade Portuguesa de Estomatologia e Medicina Dentária e Cirurgia. No que se refere a “*podcasts*” o cenário é idêntico. Esta ferramenta apenas se encontra presente na Sociedade Portuguesa de Menopausa e de Sexologia Clínica. A presença nas “redes sociais” regista uma maior adesão, embora não tanta como seria de prever, face à atual penetração deste *social media* em Portugal<sup>3</sup>. Entre os doze *sites* analisados estas

---

<sup>3</sup> Segundo dados fornecidos pela OberCom, em Portugal, 73,4% dos indivíduos recorrem a *sites* de redes sociais, sendo estas a segunda atividade de comunicação mais disseminada *online*.

ferramentas *web* 2.0 marcam presença em seis, na Sociedade Portuguesa de Cardiologia, de Esclerose Múltipla, de Oftalmologia, de Estomatologia e Medicina Dentária, de Cirurgia e de Sexologia Clínica.

#### **3.2.3.4 Tipologia da informação**

O componente “tipologia da informação”, é composto pelos indicadores “história”, “estrutura orgânica”, “estatutos”, “congressos e reuniões”, “sociedades congéneres”, “protocolos”, “regulamento interno”, “formação”, “investigação”, “inscrições”, “publicações”, “projetos/iniciativas”, “pesquisar”, “parceiros”, e “área reservada a sócios”, tal como se pode ver pela Tabela 13.

A Sociedade Portuguesa de Oftalmologia apresenta disponível ao público todos os itens acima enunciados, ao contrário da Sociedade Portuguesa de Ortopedia Dento-Facial, que só apresenta o item “área reservada aos sócios”, estando todos os restantes ausentes.

Ao analisar a Tabela 13 constata-se que os itens “protocolos” e “regulamento interno” são os que mais se encontram ausentes, nas Sociedades Portuguesas de Especialidades Médicas. É possível verificar também, que o item “área reservada aos sócios”, está disponível em todos os *sites* com a exceção da Sociedade Portuguesa de Menopausa.

### **3.3 Apresentação e análise dos resultados dos inquéritos por questionário**

O inquérito por questionário aplicado a profissionais de saúde e a pacientes permitiu verificar o perfil dos inquiridos, conhecer os seus hábitos de utilização da *internet*, identificar as suas necessidades de informação na área da saúde e a avaliação que fazem dos *sites* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, no que diz respeito à integração de ferramentas *web* 2.0 na comunicação *online*.

Seguidamente apresentam-se os dados obtidos através da análise do inquérito por questionário a profissionais de saúde.



### 3.3.1 Análise dos resultados do inquérito por questionário a médicos

#### 3.3.1.1 Caraterização pessoal

A Tabela 14 apresenta os dados obtidos pela aplicação do inquérito por questionário a profissionais de saúde, no que diz respeito à sua caraterização pessoal: idade, sexo e literacia em tecnologias da informação.

**Tabela 14: Profissionais de Saúde: perfil dos inquiridos**

		<b>Nº absoluto</b>
<b>Idade</b>	Menos de 30 anos	<b>3</b>
	Entre 30 e 45 anos	<b>2</b>
	Entre 46 e 55 anos	<b>3</b>
	Mais de 55 anos	<b>2</b>
<b>Sexo</b>	Feminino	<b>4</b>
	Masculino	<b>6</b>
<b>Literacia em tecnologias da informação</b>	Não tem conhecimentos em tecnologias de informação	<b>0</b>
	Tem conhecimentos em tecnologias de informação a um nível básico	<b>2</b>
	Tem conhecimentos em tecnologias de informação a um nível médio/avançado	<b>8</b>

**n = 10**

Como se pode ver pela Tabela 14 a heterogeneidade do perfil dos inquiridos foi tida em conta, sendo selecionados para responder ao inquérito indivíduos com diferentes faixas etárias, de ambos os sexos e níveis de literacia em tecnologias de informação e comunicação diferenciados.

Tendo por base as habilitações literárias dos profissionais de saúde, como seria de esperar, no geral todos têm conhecimentos em tecnologias de informação a um nível médio/avançado, somente dois responderam ter conhecimentos a um nível básico.

### 3.3.1.2 Necessidades de informação em sociedades médicas

A Tabela 15 apresenta os dados obtidos pela aplicação do inquérito por questionário a profissionais de saúde, no que diz respeito à necessidade de informação sistematizada de acesso ao público.

**Tabela 15: Profissionais de Saúde: Necessidade de informação sistematizada de acesso ao público em sites de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas (opinião dos profissionais de saúde)**

	Discordo Totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Totalmente
No site de uma Sociedade Científica de Especialidade Médica deve existir informação sistematizada de acesso ao público	0	0	0	10	0
Os sites das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas respondem adequadamente ao público	0	7	1	2	0

n = 10

Todos os profissionais de saúde inquiridos concordaram que deve existir informação sistematizada, de acesso ao público, nas Sociedade Científicas de Especialidades Médicas. É de salientar que a resposta fornecida pelos 10 profissionais de saúde inquiridos foi “concordo”, não “concordo totalmente”, podendo-se concluir daqui que existe uma concordância mas com algumas restrições. Se por um lado esta situação pode ficar a dever-se em parte, por sentirem que quanto mais informados estiverem os pacientes menos recorrerão aos serviços médicos, por outro lado, poderá também, ser o receio de que exista uma tendência para os pacientes fazerem autodiagnósticos desajustados.

Quando questionados se estes *sites* respondem adequadamente ao público, de entre os 10 profissionais de saúde que responderam ao inquérito, 7 discordam, 1 mostrou indecisão e só 2 concordam, como é possível ver através da Tabela 15.

Todos os profissionais de saúde estão de acordo quanto à existência de informação sistematizada de acesso ao público, em *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, mas apenas 2 concordam que estes *sites* respondem adequadamente ao público.

No que diz respeito à informação que seria mais pertinente disponibilizar ao público, nos *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, a maioria das respostas vai no sentido de que nestes *sites* deveriam apresentar mais informação na área da saúde, assim como educação nesta área. Conforme se pode verificar na Tabela 16, 8 profissionais de saúde responderam “informação na área da saúde” e “educação na área da saúde”. Apenas 2 consideram importante a “comunicação *online* entre médicos e pacientes”, o que vem ao encontro das respostas obtidas nas alíneas anteriores, em que parece existir um receio por parte dos profissionais de saúde, dos pacientes ficarem dependentes de informação *online*.

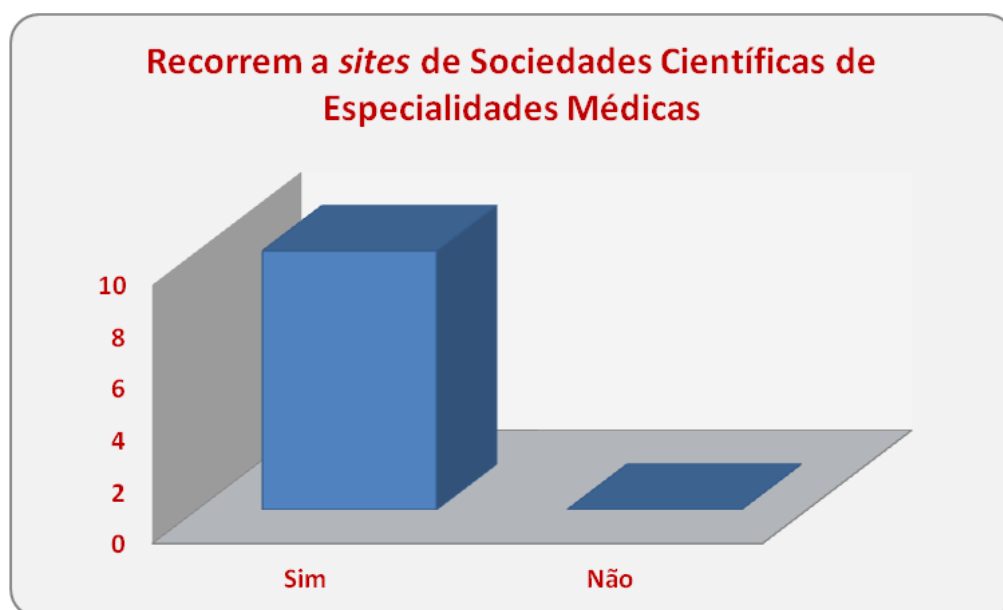
**Tabela 16: Profissionais de Saúde: Informação pertinente a disponibilizar ao público em *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas**

O que seria mais pertinente disponibilizar ao público em <i>sites</i> de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas?	Nº absoluto
Informação na área da saúde	8
Educação na área da saúde	8
Investigação na área da saúde	0
Notícias e eventos	1
Comunicação <i>online</i> entre médicos e pacientes	2

**n = 10 (Possibilidade de assinalar mais do que uma opção de resposta)**

Todos os profissionais de saúde responderam que recorriam a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas (Gráfico 1) e, como se pode ver pela Tabela 17, a maioria indicou que recorre a estes *sites* para “aceder a notícias sobre eventos científicos na área da sociedade médica”, embora as categorias “aprofundar conhecimentos” e “atualizar informação” também tenham sido uma categoria de resposta muito referidas pelos profissionais de saúde.

**Gráfico 1: Profissionais de Saúde: Consulta a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas**



n = 10

**Tabela 17: Profissionais de Saúde: Tipo de informação mais procurada nos *sites* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas**

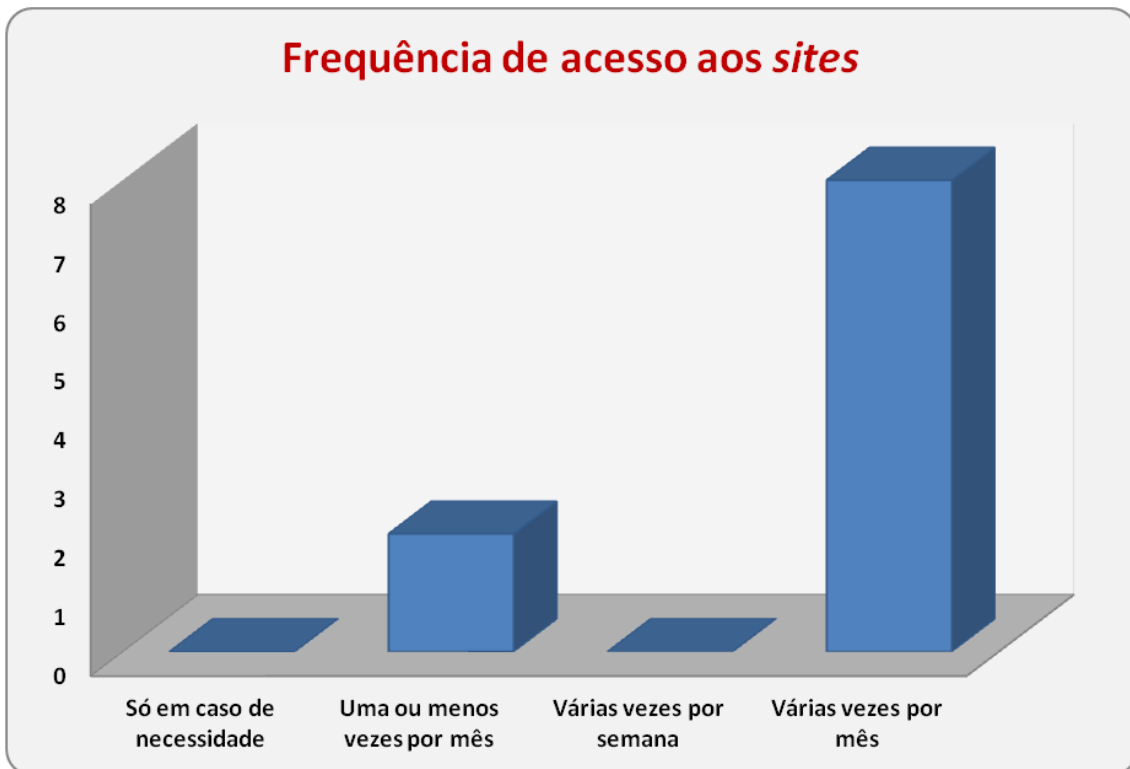
	Nº absoluto
Aprofundar conhecimentos	5
Atualizar informação	5
Acéder a notícias sobre eventos científicos	7

n = 10 (Possibilidade de assinalar mais do que uma opção de resposta)

### 3.3.1.3 Sociedades médicas e ferramentas *web 2.0*

É usual os profissionais de saúde acederm com alguma frequência a *sites* de Sociedades Científicas Médicas, como se pode verificar através do Gráfico 2, 8 profissionais de saúde responderam que acedem “várias vezes por mês”.

**Gráfico 2: Profissionais de Saúde: Frequência de acesso a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas**



**n = 10**

No que diz respeito às ferramentas *web 2.0*, os profissionais de saúde usam “*wikis*”, “plataformas de conteúdos audiovisuais” e “redes sociais”, como é possível verificar pela Tabela 18. 6 inquiridos responderam “redes sociais”, o que não é surpreendente tendo em atenção a atual tendência, no que diz respeito ao uso desta ferramenta *web 2.0*, onde se pode destacar o *Facebook*. 5 responderam “*wikis*”, talvez pelo seu carácter mais científico, o que vem ao encontro dos interesses profissionais dos inquiridos. Nenhum inquirido respondeu “*social bookmarking*” e apenas 1 indicou “atualizações de páginas *web* através de *feeds RSS*”, o que pode estar relacionado com o desconhecimento desta funcionalidade.

**Tabela 18: Profissionais de Saúde: Utilização de ferramentas *web* 2.0**

	Nº absoluto
<i>Blogues</i>	3
<i>Wikis</i>	5
Plataformas de conteúdos audiovisuais	4
Atualizações das páginas <i>web</i> através de <i>feeds RSS</i>	1
Redes Sociais	6
<i>Social Bookmarking</i>	0
<i>Podcast's</i>	3

**n = 10 (Possibilidade de assinalar mais do que uma opção de resposta)**

Quando questionados se os *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas exploram de forma eficiente as potencialidades das ferramentas *web* 2.0, a maioria dos profissionais de saúde respondeu que “discordava”. Por seu lado ao serem questionados se o uso adequado destas ferramentas poderia potenciar a comunicação *online* destas sociedades, a maioria dos profissionais de saúde considera que sim (Tabela 19).

**Tabela 19: Profissionais de Saúde: Avaliação relativa à exploração das ferramentas *web* 2.0 e à forma como estas podem potenciar a comunicação *online***

	Discordo Totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Totalmente
Os <i>sites</i> de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas exploram de forma eficiente as potencialidades das ferramentas <i>web</i> 2.0	0	6	2	2	0
O uso adequado de ferramentas <i>web</i> 2.0 poderia potenciar a comunicação <i>online</i> das Sociedades Científicas de Especialidade Médicas	0	0	2	3	5

**n = 10**

As ferramentas *web 2.0* que os profissionais de saúde consideram que deveriam estar presentes nestes *sites* variam entre “*wikis*”, “plataformas de conteúdos audiovisuais” e “redes sociais”, como é possível ver na Tabela 20. Se analisarmos a Tabela 18, verifica-se que existe alguma relação entre aquelas que os profissionais de saúde escolheram e as que mais usam habitualmente. Tal como na Tabela 18, nenhum profissional de saúde referiu “*social bookmarking*”, podendo, tal como já referido, esta ausência de escolha estar associada ao desconhecimento desta funcionalidade.

**Tabela 20: Profissionais de Saúde: Disponibilização de ferramentas *web 2.0***

Ferramentas <i>web 2.0</i> que devem estar presentes nos <i>sites</i> das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas	Nº absoluto
<i>Blogues</i>	3
<i>Wikis</i>	7
Plataformas de conteúdos audiovisuais	7
Atualizações das páginas <i>web</i> através de <i>feeds RSS</i>	2
Redes Sociais	7
<i>Social Bookmarking</i>	0
<i>Podcast's</i>	2

**n = 10 (Possibilidade de assinalar mais do que uma opção de resposta)**

Quanto à existência de informação sistematizada de acesso ao público, nos *sites* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, a resposta obtida por parte dos profissionais de saúde foi unânime: “concordo”, no entanto, a maioria considera que estes *sites* não respondem adequadamente. Relativamente às informações que deveriam ser disponibilizadas nestes *sites*, os profissionais de saúde, na sua maioria, consideram a “informação na área da saúde”, assim como a “educação na área da saúde”, como pertinentes.

No âmbito da sua atividade profissional, todos os profissionais de saúde, responderam que recorriam a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, como forma

“aprofundar conhecimentos”, “atualizar informação” e “aceder a notícias sobre eventos científicos”.

A maioria está de acordo que o uso de ferramentas *web 2.0* poderia potenciar a comunicação *online* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, embora não exista ainda uma exploração eficiente destas ferramentas.

Seguidamente apresentam-se os dados obtidos através da análise dos inquéritos por questionário a pacientes.

### 3.3.2 Análise do inquérito por questionário a pacientes

#### 3.3.2.1 Caracterização pessoal

A Tabela 21 apresenta os dados obtidos pela aplicação do inquérito por questionário a pacientes, no que diz respeito à sua caracterização pessoal: idade, sexo e localidade.

**Tabela 21: Pacientes: Dados relativos à idade, sexo e localidade**

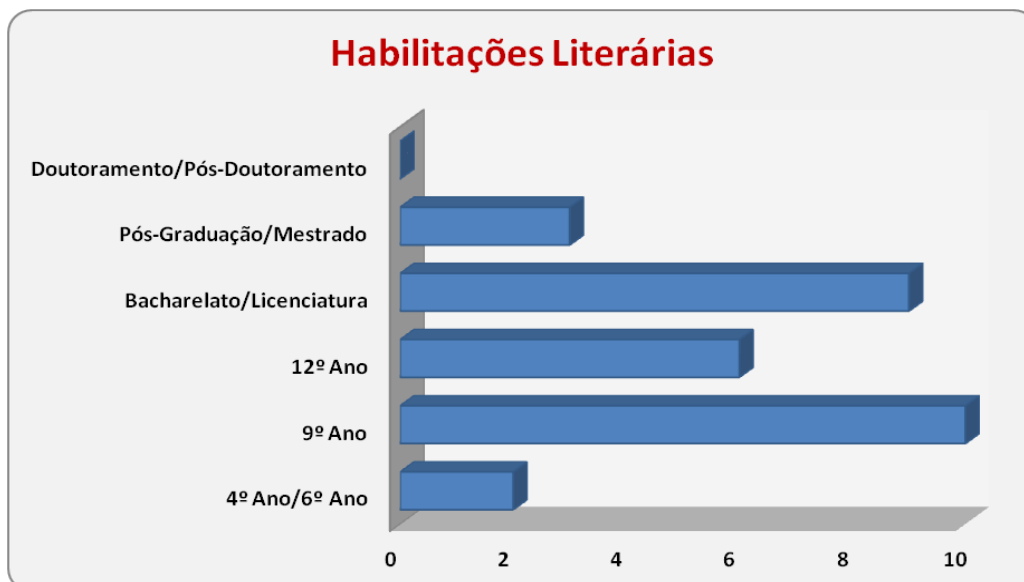
	<b>Perfil dos pacientes</b>	<b>Nº absoluto</b>
<b>Idade</b>	Menos de 30 anos	7
	Entre 30 e 45 anos	10
	Entre 46 e 55 anos	6
	Mais de 55 anos	7
<b>Sexo</b>	Feminino	18
	Masculino	12
<b>Localidade</b>	Cidade	23
	Vila	4
	Aldeia	3

**n = 30**



O Gráfico 3 apresenta os dados obtidos pela aplicação do inquérito por questionário a pacientes, no que diz respeito às suas habilitações literárias.

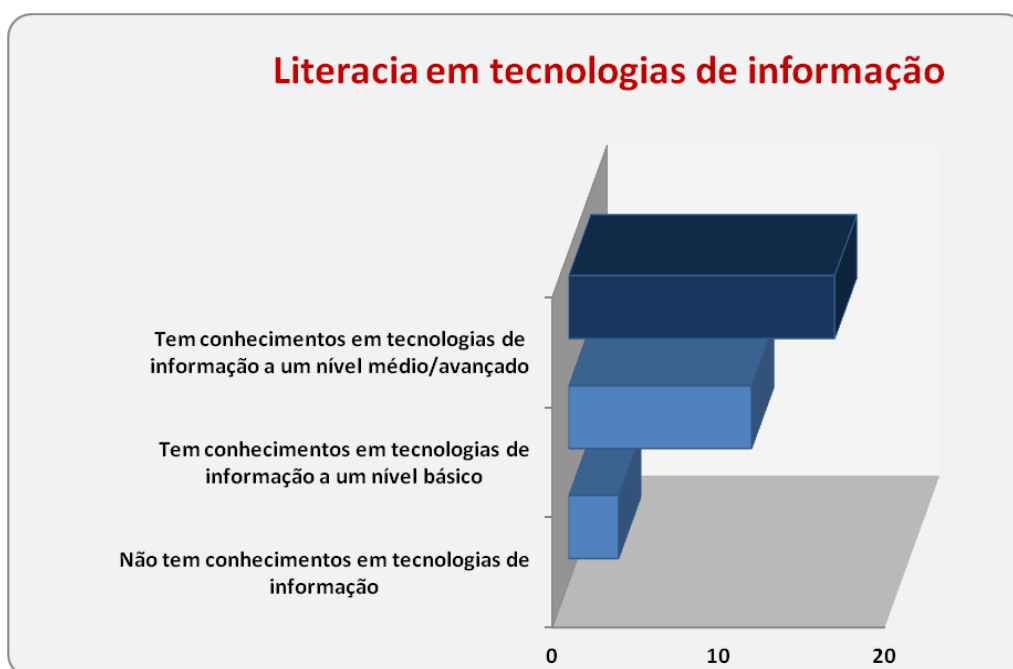
**Gráfico 3: Pacientes: Habilitações literárias**



**n = 30**

O Gráfico 4 apresenta os dados obtidos pela aplicação do inquérito por questionário a pacientes, no que diz respeito à literacia em tecnologias de informação.

**Gráfico 4: Pacientes: Literacia em tecnologias de informação**



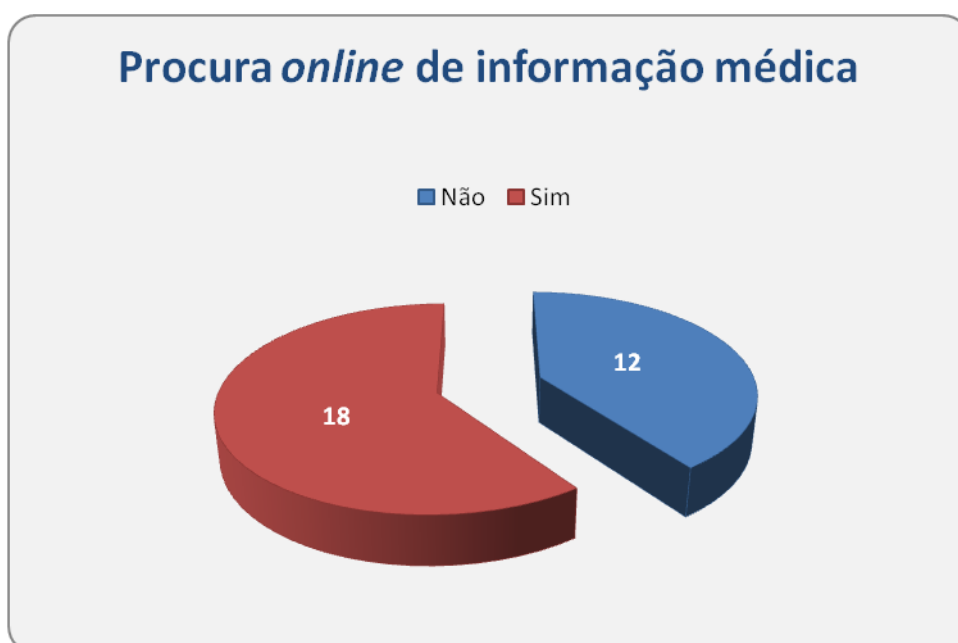
**n = 30**

Como se pode ver pela Tabela 21 e pelos Gráficos 3 e 4, tal como para os profissionais de saúde, a heterogeneidade do perfil dos inquiridos foi tida em conta, sendo selecionados para responder ao inquérito indivíduos com “idade”, “sexo”, “localidade de residência”, “habilitações literárias” e “literacia em tecnologias de informação” diferenciadas. No que diz respeito à “localidade de residência”, a maioria dos inquiridos reside em cidades. Relativamente à “literacia em tecnologia de informação”, só 3 indivíduos responderam que não têm conhecimentos em tecnologias da informação, 11 responderam que têm conhecimento a um nível médio e 16 a um nível avançado.

### 3.3.2.2 Necessidades de informação na área da saúde

Quando questionados quanto à procura de informação *online* na área da saúde as respostas dividiram-se: dos 30 pacientes inquiridos, 12 não procuravam informação sobre saúde *online*, enquanto os restantes 18 indicaram que pesquisavam este tipo de informação na Rede (Gráfico 5).

Gráfico 5: Pacientes: Procura de informação *online* na área da saúde



n= 30

A Tabela 22 estabelece uma comparação entre idade e procura de informação na área da saúde. Verifica-se que os pacientes com “menos de 30 anos” são os que menos recorrem a este tipo de informação. Esta atitude pode ficar a dever-se à falta de necessidade de recorrer a estes *sites* tendo por base a idade (inferior a 30 anos): nesta faixa etária normalmente os problemas de saúde não são tão sentidos. Também os interesses dos indivíduos serão outros. Em contrapartida as faixas etárias que mais recorrem à procura de informação *online*, na área da saúde, são as que se encontram “entre 30 e 45 anos” e “entre 46 e 55 anos”. Esta procura de informação médica, nestas faixas etárias, pode estar associada não só a uma maior preocupação em questões relacionadas com a saúde, mas também com inquietações a nível familiar, nomeadamente, devido à existência de filhos e/ou pais com problemas mais ou menos graves de saúde. Supõe-se assim, que os indivíduos recorrem a este tipo de pesquisa de informação, não só para esclarecimento de dúvidas a nível pessoal, mas também a nível familiar.

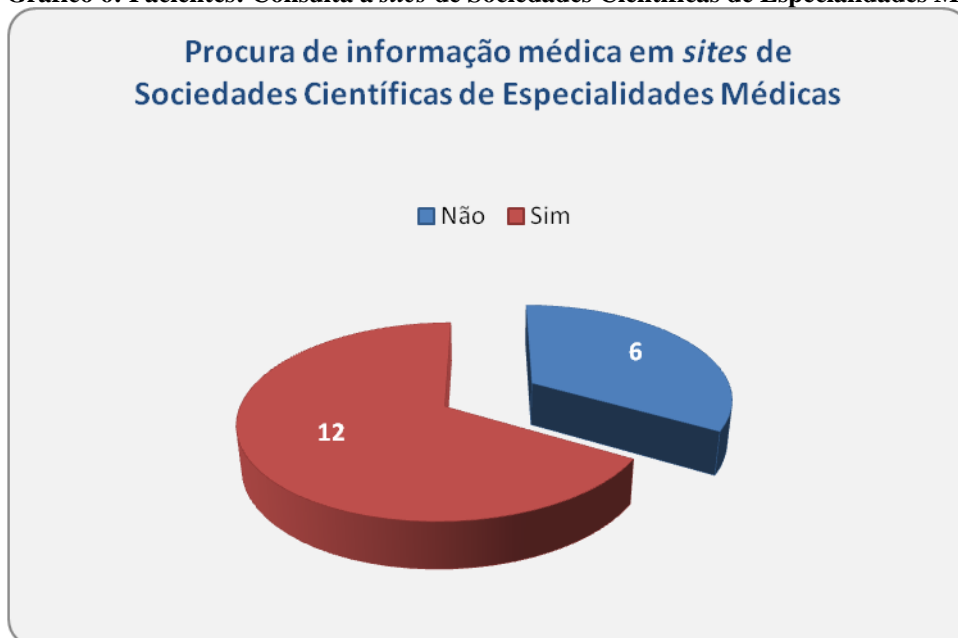
**Tabela 22: Pacientes: Relação entre idade e procura de informação *online* na área da saúde**

Procura <i>online</i> informação na área da saúde		Nº absoluto
Menos de 30 anos	Não	5
	Sim	2
Entre 30 e 45 anos	Não	3
	Sim	7
Entre 46 e 55 anos	Não	1
	Sim	5
Mais de 55 anos	Não	3
	Sim	4

**n = 30**

Dos 18 pacientes que responderam que procuravam informação na área da saúde *online*, 12 alegam que recorrem a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, enquanto 6 responderam que “não” (Gráfico 6).

**Gráfico 6: Pacientes: Consulta a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas**



**n = 18**

Dos 6 pacientes que procuram informação *online* na área da saúde, mas nunca recorreram a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, o motivo apontado foi o “desconhecimento da sua existência” (Tabela 23).

**Tabela 23: Pacientes: Motivo pelo qual nunca recorreram a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidade Médicas**

Se nunca recorreu a <i>sites</i> de Sociedades Científicas de Especialidades médicas, indique qual o motivo principal		
Desconhecimento da sua existência	Falta de credibilidade	Falta de recursos informáticos
6	0	0

**n = 6**

Os 12 pacientes que recorrem a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas procuram informação concreta, que os possa esclarecer sobre um determinado

tema abrangido pela área de saúde da especialidade consultada. Os pacientes querem estar informados, sentem necessidade de informação e recorrem à *internet* para a obterem. A procura de “comunicação *online* entre médicos e pacientes”, assim como, o “aconselhamento por um profissional de saúde”, não obtiveram qualquer resposta, como é possível ver pela Tabela 24. Tal facto pode sugerir que os pacientes ao recorrerem a estes *sites* apenas estarão interessados em cruzar informação nesta área, de forma a estarem mais informados sobre um determinado assunto, não tendo a ideia de prescindir dos serviços/consultas dos profissionais de saúde nos seus consultórios.

**Tabela 24: Pacientes: Tipologia de informação procurada nos *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas**

	Nº absoluto
Informação concreta que possa esclarecer sobre um tema abrangido pela área de saúde	12
Educação na área da saúde	0
Aconselhamento por um profissional da saúde	0
Notícias e eventos	1
Comunicação <i>online</i> entre médicos e pacientes	0

**n = 12**

A Tabela 25 faz referência aos motivos que levam os pacientes a recorrerem a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas. A “facilidade e comodidade no acesso à informação” e o “pretender complementar informação que já possuem” são as categorias mais referidas. A credibilidade que estes *sites* transmitem é algo que os pacientes têm também em conta. Ao analisar a Tabela 25 verifica-se que o número de resposta obtidas pelos inquiridos foi 0, no que diz respeito à “falta de recursos humanos na localidade onde habita” e apenas 1 respondeu “evitar custos com deslocações e/ou consultas com profissionais de saúde”. Mais uma vez parece ficar patente que os pacientes recorrem a *sites* de informação médica, como forma de ficarem mais informados, não como forma de substituir consultas clínicas.

**Tabela 25: Pacientes: Motivos de acesso a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas**

	Nº absoluto
Maior credibilidade da informação	8
Facilidade e comodidade no acesso à informação	11
Falta de recursos humanos na localidade onde habita	0
Como forma de complementar informação que já possui	10
Evitar custos com deslocações e/ou consultas com profissionais de saúde	1

**n = 12 (Possibilidade de assinalar mais do que uma opção de resposta)**

Quando questionados relativamente à “clareza, precisão e objetividade da informação disponibilizada”, pelos *sites* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, 11 dos inquiridos responderam que os *sites* respeitam estes requisitos, apenas 1 respondeu que discordava (Tabela 26). Nesta mesma tabela é possível verificar que 10 dos pacientes, “concordam” quando lhes é questionado se os seus objetivos são alcançados quando recorrem a estes *sites*. Apenas 1 “discordou” e outro respondeu “indeciso”. É de realçar, no entanto, que a categoria de resposta “concordo totalmente”, não foi escolhida em nenhuma das situações.

**Tabela 26: Pacientes: Avaliação quanto à informação disponibilizada pelos *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas**

	Discordo Totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Totalmente
Os <i>sites</i> de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas a informação é clara, precisa e objetiva	0	1	0	11	0
Quando recorre a um destes <i>sites</i> , os seus objetivos são alcançados	0	1	1	10	0

**n = 12**

### 3.3.2.3 Sociedades médicas e ferramentas *web 2.0*

A Tabela 27 apresenta os dados obtidos pela aplicação do inquérito por questionário a pacientes, no que diz respeito às ferramentas *web 2.0* utilizadas habitualmente.

**Tabela 27: Pacientes: Ferramentas *web 2.0* mais usadas**

<b>Ferramentas <i>web 2.0</i> que os pacientes utilizam habitualmente</b>	<b>Nº absoluto</b>
<i>Blogues</i>	4
<i>Wikis</i>	7
Plataformas de conteúdos audiovisuais	4
Atualizações das páginas <i>web</i> através de <i>feeds RSS</i>	2
Redes Sociais	9
<i>Social Bookmarking</i>	1
<i>Podcast's</i>	2

**n = 12 (Possibilidade de assinalar mais do que uma opção de resposta)**

Como seria de esperar as ferramentas *web 2.0* mais utilizadas pelos pacientes são as “redes sociais” (Tabela 27). “*Social bookmarking*” obteve 1 resposta, o que pode indicar falta de conhecimento desta ferramenta.

**Tabela 28: Pacientes: Avaliação relativa à forma como os *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas exploram as ferramentas *web 2.0* e se o uso adequado destas ferramentas pode facilitar a comunicação *online***

	Discordo Totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Totalmente
Os <i>sites</i> de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas exploram de forma eficiente as potencialidades das ferramentas <i>web 2.0</i>	0	8	1	3	0
O uso adequado de ferramentas <i>web 2.0</i> poderia potenciar a comunicação <i>online</i> das Sociedades Científicas de Especialidade Médicas	0	0	0	3	9

**n = 12**

A maioria dos pacientes respondeu “discordo”, quando questionados se os *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas exploram de forma eficiente as potencialidades das ferramentas *web 2.0*, o que vai ao encontro da análise feita aos *sites* destas sociedades e registada na grelha de análise. Tal como se pode ver na Tabela 13 são muito poucos os *sites* que recorrem a estas ferramentas como forma de potenciar a comunicação *online* e, como é possível ver pela Tabela 28, a maioria dos pacientes respondeu “concordo totalmente”, quando questionados se o uso adequado de ferramentas *web 2.0* poderia potenciar a comunicação *online* das Sociedades Científicas de Especialidade Médicas. Estes resultados vão ao encontro do resultado obtido na Tabela 26, onde 10 dos pacientes, concordam que os seus objetivos são alcançados quando recorrem a estes *sites*, mas não concordam totalmente, o que à partida dá ideia de existir uma certa insatisfação por parte dos pacientes.



**Tabela 29: Pacientes: Ferramentas *web 2.0* que devem estar presentes nos *sites* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas**

Ferramentas <i>web 2.0</i> que devem estar presentes nos <i>sites</i> das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas	Nº absoluto
<i>Blogues</i>	6
<i>Wikis</i>	8
Plataformas de conteúdos audiovisuais	10
Atualizações das páginas <i>web</i> através de <i>feeds RSS</i>	7
Redes Sociais	8
<i>Social Bookmarking</i>	4
<i>Podcast's</i>	7

**n = 12**

Como se pode verificar pela Tabela 29, quando questionados quanto às “ferramentas *web 2.0* que devem estar presentes nos *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas”, constata-se que as respostas obtidas foram diversificadas. Embora “plataformas de conteúdos audiovisuais”, “redes sociais” e “*wikis*”, tenham sido as ferramentas mais escolhidas, as restantes também foram selecionadas, não existindo qualquer ferramenta *web 2.0* com resposta nula. Constata-se assim que existe interesse por parte dos pacientes para a disponibilização destas ferramentas nos *sites* de sociedades médicas.

Pela análise feita aos inquéritos por questionário a pacientes verifica-se que o desconhecimento da existência de *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, foi o único motivo referido pelos pacientes que nunca recorrem a estes *web sites*.

“Informação concreta que possa esclarecer sobre um tema abrangido pela área da saúde”, foi a opção mais escolhida pelos pacientes, relativamente ao tipo de informação procurada. É de salientar que as opções “aconselhamento por um profissional de saúde” e “comunicação *online* entre médicos e pacientes”, não obtiveram qualquer opção de escolha. Será que este tipo de serviço não é procurado pelos pacientes, porque não existe necessidade do mesmo ou será que o motivo que levou os pacientes a não

selecionarem estas opções se deve à sua inexistência? Esta dúvida pode levantar-se, tendo em atenção que a maioria dos pacientes, quando questionados se “os *sites* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas exploram de forma eficiente as potencialidades das ferramentas *web 2.0*”, responderam “discordo” e responderam “concordo totalmente” que o uso destas ferramentas poderia potenciar a comunicação *online*. Por outro lado, quando questionados sobre que “ferramentas *web 2.0* devem estar presentes nos *sites* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas”, todas as opções de escolha foram selecionadas, o que pode levar a concluir que não existe necessidade de disponibilização por parte destes *web sites* de uma em particular, mas sim de várias ferramentas, uma vez que têm usos diversificados.

## CONCLUSÕES

No presente trabalho de investigação analisou-se uma amostra de doze *web sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, com o objetivo de conhecer as estratégias *web* implementadas. Após a análise efetuada (capítulo 3) o estudo revela que os *web sites* analisados, fazem uma utilização muito limitada dos novos recursos de comunicação. A presença de conteúdos multimédia é praticamente inexistente, assim como, a disponibilização de ferramentas *web 2.0*. De igual forma a comunicação com recurso a ferramentas síncronas, de forma a promover a participação dos utilizadores é completamente ausente. É de referir que os dados obtidos através do inquérito por questionário, feito a profissionais de saúde (médicos) e a pacientes, indicam precisamente, que os *sites* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, não exploram de forma eficiente as potencialidades das ferramentas *web 2.0* e que o seu uso adequado poderia potenciar a comunicação *online* destas sociedades. Estes dados vão ao encontro dos resultados obtidos pela análise efetuada pela investigadora aos *web sites*.

Pela parte dos utilizadores identifica-se a necessidade das Sociedade Científicas de Especialidades Médicas reformularem a sua forma de difusão de informação e de comunicação, no sentido de serem mais eficazes e proativos.

Os recursos de comunicação que os *web sites* da amostra analisada têm à disposição dos utilizadores, limitam-se, para um número restrito de *web sites* ao nível de correio eletrónico, *fóruns*, *newsletters* e sugestões/opiniões, podendo-se constatar que existe pouca abertura por parte das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas no sentido de existir comunicação bidirecional.

Recordando os dados do INE/UMIC (2010), presentes na Tabela 5, que referem que em 2010, 59% dos utilizadores com idades entre os 16 e os 74 anos recorrem à *internet* para pesquisar informação na área da saúde, considera-se pertinente a existência de uma maior disponibilização ao público de informação e a utilização de novos recursos de comunicação por parte das sociedades médicas.

Considerando também os dados sistematizados pela OberCom, que fazem referência a que 73,4% dos utilizadores recorrem aos *sites* de redes sociais, revela-se importante uma reformulação na forma de comunicação entre sociedades médicas e utilizadores, mais adaptada às atuais formas de interação *online*.

Um dos objetivos do documento é propor novas estratégias de comunicação *online* entre os utilizadores e as Sociedades Científicas de Especialidades Médicas. Neste sentido, apresentam-se serviços, que poderão melhorar esta realidade:

- espaço aberto nos *web sites*, das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, com as características de um *fórum*, moderado, que possibilite a partilha de ideias entre profissionais de saúde e pacientes, sobre diversas questões relacionadas com a área clínica respetiva. Os pacientes poderiam entre si partilhar experiências e fornecer apoio mútuo e, por outro lado, os profissionais de saúde poderiam esclarecer e orientar os pacientes. Os profissionais de saúde também teriam aqui um espaço de interajuda, explorando a experiência profissional de cada um, criando desta forma hábitos de participação e interação entre médicos;

- disponibilização por parte das sociedades médicas, de vídeos de cirurgias, tratamentos médicos, conferências, encontros, entre outros, por forma a que pacientes e até mesmo profissionais de saúde, obtivessem mais informação sobre casos clínicos e respetivos tratamentos;

- incorporar nos *web sites*, mais recursos a ferramentas *web 2.0*, como blogues, *wikis*, redes sociais, *podcasts*, *social bookmarking*, atualizações de páginas através de *feeds RSS* e plataformas de conteúdo audiovisual, que iriam permitir potenciar a comunicação *online* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, contribuindo assim para a disseminação de informação e conhecimento em saúde;

- existir um maior investimento por parte das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, em publicidade e divulgação de si mesmas, por forma a diminuir o desconhecimento destas por parte dos indivíduos. Como foi possível verificar, através da Tabela 23, os pacientes, quando questionados sobre o motivo pelo qual nunca tinham recorrido a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, indicaram “desconhecimento da sua existência”.

O trabalho desenvolvido permite validar a hipótese expressa no início do trabalho e agora aqui recordada:

As Sociedades Científicas de Especialidades Médicas fazem um uso conservador da sua presença *web*. Estas Sociedades poderão potenciar a sua missão, nomeadamente, na componente de difusão de desenvolvimento científico médico (a profissionais de saúde)

e educação, na sua área de especialidade (aos cidadãos), com recurso a ferramentas *web* 2.0.

## **1. Limitações do trabalho**

Um espaço temporal mais alargado possibilitaria uma análise a uma amostra de *web sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas mais ampla e, como tal, a obtenção de resultados mais representativos das estratégias de comunicação e disseminação de informação destas Sociedades, na *World Wide Web*. Mais tempo dedicado à realização da investigação teria permitido, igualmente, inquirir as Direções das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, com o intuito de as questionar sobre a sua atual e futura estratégia para os novos media.

Refere-se igualmente a dificuldade de generalização dos resultados obtidos, que devido ao tamanho reduzido da amostra de inquiridos, tanto de profissionais de saúde (médicos) como de pacientes, não permite uma generalização dos dados.

Nos inquéritos aos médicos considera-se uma lacuna o facto de não se ter questionado a sua especialidade médica. Este conhecimento teria possibilitado contextualizar as suas respostas, com uma breve análise ao site da sua especialidade.

## **2. Trabalho futuro**

Considera-se que seria interessante, num trabalho futuro, realizar um estudo que abarcasse uma amostra mais representativa do universo que, com base na identificação das necessidades sentidas por profissionais de saúde e pacientes, especificasse, prototipasse e testasse uma plataforma exemplificativa de uma moderna forma de comunicação em saúde, compatibilizando o rigor científico com a abertura ao público, onde as sugestões de serviços pudessem ser testadas, permitindo desta forma fazer uma avaliação e eventualmente demonstrar às Sociedades Médicas a necessidade de disponibilizar novos recursos de comunicação, de forma a potenciar a comunicação *online* entre profissionais de saúde e pacientes.



## Referências Bibliográficas

Agência para a Sociedade do Conhecimento: <http://www.unic.pt> [consultado em 30/12/2011, 20:45]

Alto Comissariado da Saúde: <http://www.acs.min-saude.pt/acs> [Consultado em 12/02/2012, 21:30]

Alzheimer Portugal: <http://www.alzheimerportugal.org> [Consultado em 12/02/2012, 14:15]

Associação Portuguesa Contra a Leucemia: <http://www.contraleucemia.org> [Consultado em 12/02/2012, 10:15]

Associação Portuguesa de Asmáticos: <http://www.apa.org.pt> [Consultado em 12/02/2012, 22:50]

Associação Protetora dos Diabéticos de Portugal: <http://www.apdp.pt> [Consultado em 12/02/2012, 16:35]

Castells, Manuel (2007). A sociedade em rede. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Coutinho, Clara Pereira; Bottentuit Júnior, João Batista (2007). A Complexidade e os Modos de Aprender na Sociedade do Conhecimento. Comunicação apresentada no XV Colóquio AFIRSE, Lisboa.

Dutta-Bergman, Mohan J. (2009). Developing a Profile of Consumer Intention to Seek Out Additional Information Beyond a Doctor: The Role of Communicative and Motivation Variables

Espanha, Rita (2008). A saúde na sociedade de informação. Centro de estudos de comunicação e sociedade - Universidade do Minho

Eu sou Médico: <http://www.eusou.com/medico> [consultado em 24/10/2012, 11:15]

Freixo, M. (2010). Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Instituto Piaget.

Fundação Portuguesa de Cardiologia: <http://www.fpcardio.pt> [consultado em 18/03/2012, 00:55]

Gonçalves, Ana Sofia Jesus (2009). Da sociedade da Informação à Sociedade da Comunicação: o Valor da Comunidade Online no Quotidiano dos Portugueses. Instituto Universitário de Lisboa.

Gray, David (2005). Doing Reserch in the Real World. London: Sage Publications Ltd.

Instituto Nacional de Estatística: <http://censos.ine.pt> [consultado em 5/01/2012, 22:00]

Investigação e Saber em Comunicação: <http://www.OberCom.pt> [consultado em 12/10/2012, 15:15]

Lisboa, Eliana Santana; Junior, João Batista Bottentuit; Coutinho, Clara Pereira (2009). Análise Das Comunidades “Web 2.0” Na Rede Social Orkut. Revista Científica de Educação a Distância, Vol 2, N<sup>o</sup>2, Dezembro. Universidade Metropolitana de Santos - Núcleo de Educação a Distância.

Madeira, Wilma (2006). “Navegar é Preciso: avaliação de impactos de uso da Internet na relação médico paciente”, Dissertação de Mestrado. São Paulo, Programa de Pós-graduação.



Población, Dinah; Goldengerg, Saul; Gomes Paulo Ferreira, Jefferson; Kafejian, Andréa; Braga, Elisa (1996). A comunicação científica por meios eletrônicos. O caso das publicações médicas. Ata cirúrgica Brasileira.

Portal da Ordem dos Médicos: <http://www.ordemosmedicos.pt> [consultado em 5/10/2011]

Portal da Saúde: <http://www.min-saude.pt/portal> [Consultado em 12/02/2012, 10:15]

Portal de Saúde Pública: <http://www.saudepublica.web.pt> [Consultado em 12/02/2012, 18:15]

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1995). Manual de Investigação em Ciências Sociais (J. M. Marques, M. A. Mendes & M. Carvalho, Trans. 5ª ed.). Lisboa: Gradiva.

Raríssimas – Associação Nacional de Deficiências Mentais Raras: <http://www.rarissimas.pt> [Consultado em 12/02/2012, 12:55]

Reis, Bianca (2008). Impacto da internet na relação médico-paciente: a perspectiva do médico. Projecto de pesquisa apresentado à Fundação Oswaldo Cruz – ICICT.

Repositório Científico do Instituto Nacional de Saúde: <http://www.repositorio.insa.pt> [Consultado em 12/02/2012, 11:25]

Segunda Opinião Médica: <http://www.segundaopiniaomedica.pt> [Consultado em 25/01/2012, 23:40]

Silver, Denise (2010). Participatory medicine as a new way to produce medical knowledge. Journal of Science Communication.

Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica: <http://www.spaic.pt> [consultado em 15/03/2012, 22:15]

Sociedade Portuguesa de Cardiologia: <http://www.spc.pt> [consultado em 12/03/2012, 22:15]

Sociedade Portuguesa de Cirurgia: <http://www.spcir.pt> [consultado em 13/03/2012, 01:15]

Sociedade Portuguesa de Cirurgia Plástica e Recuperação Estética: <http://www.spcpre.org> [consultado em 21/03/2012, 17:50]

Sociedade Portuguesa de Cuidados Intensivos: <http://www.spci.org> [consultado em 18/03/2012, 01:40]

Sociedade Portuguesa de Diabetologia: <http://www.spd.pt> [consultado em 14/03/2012, 00:15]

Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla: <http://www.spem.org> [consultado em 12/03/2012, 22:55]

Sociedade Portuguesa de Estomatologia e Medicina Dentária: <http://www.spemd.pt> [consultado em 13/03/2012, 00:35]

Sociedade Portuguesa de Endoscopia Digestiva: <http://www.sped.pt> [consultado em 20/03/2012, 21:45]

Sociedade Portuguesa de Gastreenterologia: <http://www.spg.pt> [consultado em 15/03/2012, 23:50]

Sociedade Portuguesa de Medicina Interna: <http://www.spminterna.pt> [consultado em 21/03/2012, 15:30]

Sociedade Portuguesa de Menopausa: <http://www.spmenopausa.pt> [consultado em 13/03/2012, 01:50]

Sociedade Portuguesa de Oftalmologia: <http://www.spoftalmologia.pt> [consultado em 12/03/2012, 23:45]

Sociedade Portuguesa de Ortopedia Dento-Facial: <http://www.spodf.pt> [consultado em 17/03/2012, 23:15]

Sociedade Portuguesa de Pediatria: <http://www.spp.pt> [consultado em 14/03/2012, 23:25]

Sociedade Portuguesa de Pneumologia: <http://www.sppneumologia.pt> [consultado em 20/03/2012, 23:15]

Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear: <http://www.spmn.pt> [consultado em 17/03/2012, 22:30]

Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica: <http://www.spsc.pt> [consultado em 14/03/2012, 22:10]

Terra, José Cláudio (2009). Saúde 2.0 – Impulsionando transformações na saúde. TerraForum Consultores – [www.terraforum.com.br](http://www.terraforum.com.br)

Toffler, A. (2000). A Terceira Vaga. Trad. Lisboa: Livros do Brasil.



## ANEXOS

---



**ANEXO 1 – Grelha de análise dos web sites das Sociedade Científicas de Especialidades Médicas**

		Conteúdos											
		SPC – Soc. Port. de Cardiologia	Soc. Port. de Esclerose Múltipla	Soc. Port. de Oftalmologia	Soc. Port. de Estomatologia e Medicina Dentária	Soc. Port. de Cirurgia	Soc. Port. de Menopausa	Soc. Port. de Sexologia Clínica	Soc. Port. de Pediatria	Soc. Port. de Diabetologia	Soc. Port. de Alergologia e Imunologia Clínica	Soc. Port. de Gastroenterologia	Soc. Por. de Ortopedia Dento-Facial
Requisitos mínimos	Contactos												
	Notícias/Eventos												
	FAQs												
	Data da última atualização												
	Data da próxima atualização												
	Diversidade de conteúdos												
	Site multilingue												
Apresentação dos conteúdos	Textos sucintos												
	Linguagem clara e acessível												
	Uniformidade nas fontes, tamanhos e estilos de texto												
	Organização hierárquica visual dos elementos (grelha)												
	Fontes não serifadas												
	Contraste texto-fundo												
	Esquema cromático institucional												
	Direitos de autor e questões legais												
Elementos Multimédia	Imagens estáticas												
	Animação												
	Áudio												
	Vídeo												

<b>Usabilidade</b>	<b>Acessibilidade (página principal do site)</b>	Acesso através de diferentes <i>browsers</i> ( <i>Internet Explorer</i> 9; <i>Mozilla Firefox</i> 10; <i>Google Chrome</i> 16; <i>Safari</i> 5)																			
		Presença nos principais motores de busca ( <i>Google</i> , <i>Sapo</i> , <i>Yahoo</i> , <i>Altavista</i> , <i>Aeiou</i> )																			
		Tempo de carregamento de página <sup>4</sup> (< 8 segundos)																			
	<b>Navegação interna</b>	Compatibilidade de <i>browsers</i> (acesso das páginas internas do <i>site</i> através de diferentes <i>browsers</i> )																			
		Mapa do <i>site</i>																			
		Barra de navegação com sub-itens																			
		Motor de pesquisa interno ao <i>site</i> (pesquisar)																			
	<b>Identidade gráfica</b>	A identidade gráfica é mantida entre páginas																			
		Bom contraste nas cores usadas																			
	<b>Novos Recursos de Comunicação</b>	<b>Comunicação</b>	Correio eletrónico																		
<i>Fórum</i>																					
<i>Newsletter</i>																					
<b>Ferramentas síncronas</b>		Sugestões/reclamações <i>online</i>																			
		<i>Chat</i>																			
		<i>Skype</i>																			
<b>Ferramentas Web 2.0</b>		<i>Google Talk</i>																			
		Blogues																			
		<i>Wiki</i>																			
		Redes Sociais ( <i>Facebook</i> , <i>Tweeter</i> , <i>MySpace</i> , <i>Orkut</i> , <i>Google+</i> )																			
	<i>Post's</i>																				



		Podcasts																			
		Social bookmarking																			
		Atualizações de páginas através de feeds RSS																			
		Plataformas de conteúdo AV (exemplo: Vimeo e Youtube)																			
	Tipologia da Informação	História																			
		Estrutura Orgânica																			
		Estatutos																			
		Congressos e Reuniões																			
		Sociedades Congéneres																			
		Serviços																			
		Protocolos																			
		Regulamento Interno																			
		Formação																			
		Investigação																			
		Inscrições																			
		Publicações																			
		Projetos/Iniciativas																			
Pesquisar																					
Parceiros																					
Área reservada aos sócios																					



---

## ANEXO 2 – Inquérito por questionário a profissionais de saúde (médicos)

---



Universidade de Aveiro

Mestrado em Comunicação Multimédia | Multimédia Interativa

---

### Questionário a Profissionais de Saúde (Médicos)

Este questionário destina-se a obter informação no âmbito de um projeto de investigação, integrado no Mestrado em Comunicação Multimédia – ramo Multimédia Interativa, da Universidade de Aveiro.

O propósito da investigação é estudar de que forma a utilização das ferramentas *web 2.0* pode potenciar a comunicação das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas. Para tal, considera-se pertinente conhecer a perspetiva de um conjunto de profissionais de saúde e pacientes (não médicos) sobre este assunto.

Com esse objetivo é solicitada a colaboração através da resposta às questões que a seguir se apresentam.

O preenchimento do inquérito terá uma duração aproximada de 5 minutos, sendo as respostas confidenciais e utilizadas exclusivamente para fins científicos. Desde já, se agradece a disponibilidade e o precioso contributo para o desenvolvimento deste estudo.

---

### Dimensão 1 – Caracterização Pessoal (selecionar a opção que se aplica com um X)

---

#### 1.1 Idade

Menos de 30 anos

Entre 46 e 55 anos

Entre 30 e 45 anos

Mais de 55 anos

#### 1.2 Sexo

Feminino

Masculino

### 1.3 Literacia em tecnologias de informação

- Não tem conhecimentos em tecnologias de informação
- Tem conhecimentos em tecnologias de informação a um nível básico
- Tem conhecimentos em tecnologias de informação a um nível médio/avançado

---

### Dimensão 2 – Necessidade de Informação e Sociedades Médicas (selecionar a opção que se aplica com um X)

---

2.1 De seguida são apresentadas duas afirmações. Refira em que medida está de acordo ou desacordo com as mesmas utilizando a escala:

1. Discordo totalmente      2. Discordo      3. Indeciso      4. Concordo      5. Concordo totalmente

	Discordo Totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Totalmente
No <i>site</i> de uma Sociedade Científica de Especialidade Médica deve existir informação sistematizada de acesso ao público.					
Os <i>sites</i> das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas respondem adequadamente ao público.					

2.2 Na sua opinião o que seria mais pertinente disponibilizar ao público no *site* de uma Sociedade Científica de Especialidade Médica?

*(Caso não assinale a 1ª opção pode assinalar mais do que uma categoria de resposta)*

- Num *site* de uma Sociedade Científica de Especialidade Médica não deve existir informação de acesso ao público
  - Informação na área da saúde
  - Educação na área da saúde
  - Investigação na área da saúde
  - Notícias e eventos
  - Comunicação *online* entre profissionais de saúde e pacientes
  - Outra(s). Qual (Quais)? \_\_\_\_\_
-

**2.3** No âmbito da sua atividade profissional recorre a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas?

- Sim  Não

(Se respondeu “Não”, o seu questionário termina aqui)

**2.4** Que tipo de informação procura quando recorre a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas?

- Aprofundar conhecimentos  Atualizar informação  
 Aceder a notícias sobre eventos científicos na área da sociedade médica  
 Outra(s). Qual (Quais)? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

---

**Dimensão 3 – Sociedades Médicas e Ferramentas *web 2.0*** (selecionar a opção que se aplica com um X)

---

**3.1** Com que frequência acede ao(s) *site(s)* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas?

- Só em caso de necessidade  Uma ou menos vezes por mês  
 Várias vezes por semana  Várias vezes por mês

**3.2** Quais as ferramentas *web 2.0* que utiliza habitualmente?

- Blogues*  Redes Sociais  
 *Wikis*  *Social Bookmarking*  
 Plataformas de conteúdos audiovisuais  *Podcast's*  
 Seguir atualizações das páginas *Web* através de *Feeds RSS*  
 Outra(s). Qual (Quais)? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**3.3** De seguida são apresentadas duas afirmações. Refira em que medida está de acordo ou desacordo com as mesmas utilizando a escala:

1. Discordo totalmente      2. Discordo      3. Indeciso      4. Concordo      5. Concordo totalmente

	Discordo Totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Totalmente
Os <i>sites</i> de Sociedade Científicas de Especialidades Médicas exploram de forma eficiente as potencialidades das ferramentas <i>web</i> 2.0.					
O uso adequado de ferramentas <i>web</i> 2.0 poderia potenciar a comunicação <i>online</i> das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas.					

**3.4** Que ferramentas *web* 2.0 deveriam estar presentes nos *sites* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas?

(Pode assinalar mais do que uma opção)

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> <i>Blogues</i>   | <input type="checkbox"/> Redes Sociais             |
| <input type="checkbox"/> <i>Wikis</i>   | <input type="checkbox"/> <i>Social Bookmarking</i> |
| <input type="checkbox"/> Plataformas de conteúdos audiovisuais                                  | <input type="checkbox"/> <i>Podcast's</i>          |
| <input type="checkbox"/> Seguir atualizações das páginas <i>Web</i> através de <i>Feeds RSS</i> |  |
| <input type="checkbox"/> Outra(s). Qual (Quais)? _____  |  |

---



---

*Muito obrigado pela colaboração!*

---

## ANEXO 3 – Inquérito por questionário a pacientes

---



**Universidade de Aveiro**  
**Mestrado em Comunicação Multimédia | Multimédia Interativa**

---

### Questionário a Pacientes (não médicos)

Este questionário destina-se a obter informação no âmbito de um projeto de investigação, integrado no Mestrado em Comunicação Multimédia – ramo Multimédia Interativa, da Universidade de Aveiro.

O propósito da investigação é estudar de que forma a utilização das ferramentas *web 2.0* pode potenciar a comunicação das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas. Para isso, considera-se pertinente conhecer a perspetiva de um conjunto de profissionais de saúde e pacientes (não médicos) sobre esse assunto.

Com esse objetivo é solicitada a colaboração através da resposta às questões que a seguir se apresentam.

O preenchimento do inquérito terá uma duração aproximada de 10 minutos, sendo as respostas confidenciais e utilizadas exclusivamente para fins científicos. Desde já, se agradece a disponibilidade e o precioso contributo para o desenvolvimento deste estudo.

---

### Dimensão 1 – Caracterização Pessoal (selecionar a opção que se aplica com um X)

---

#### 1.1 Idade

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Menos de 30 anos   | <input type="checkbox"/> Entre 46 e 55 anos |
| <input type="checkbox"/> Entre 30 e 45 anos | <input type="checkbox"/> Mais de 55 anos    |

#### 1.2 Sexo

- |                                   |                                    |
|-----------------------------------|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Feminino | <input type="checkbox"/> Masculino |
|-----------------------------------|------------------------------------|

#### 1.3 Localidade de residência

- |                                 |                               |                                 |
|---------------------------------|-------------------------------|---------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Cidade | <input type="checkbox"/> Vila | <input type="checkbox"/> Aldeia |
|---------------------------------|-------------------------------|---------------------------------|

#### 1.4 Habilitações Literárias

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> 4º Ano/6º Ano | <input type="checkbox"/> Bacharelato/Licenciatura      |
| <input type="checkbox"/> 9º Ano        | <input type="checkbox"/> Pós-Graduação/Mestrado        |
| <input type="checkbox"/> 12º Ano       | <input type="checkbox"/> Doutoramento/Pós-Doutoramento |

#### 1.5 Literacia em tecnologias de informação

- Não tem conhecimentos em tecnologias de informação
- Tem conhecimentos em tecnologias de informação a um nível básico
- Tem conhecimentos em tecnologias de informação a um nível médio/avançado

---

### **Dimensão 2 – Necessidades de Informação na área da saúde** (selecionar a opção que se aplica com um X)

---

#### 2.1 Procura *online* informação na área da saúde?

- Sim  Não
- (Se respondeu “Não”, o seu questionário termina aqui)*

#### 2.2 Quando procura informação *online* na área da saúde recorre a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas? (Ex: Sociedade Portuguesa de Cardiologia, Sociedade Portuguesa de Pediatria)

- Sim  Não
- (Se respondeu “Sim”, passe para a questão 2.4)*
- (Se respondeu “Não”, passe para a questão 2.3)*

#### 2.3 Se nunca recorreu a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas, indique qual o motivo principal:

- Desconhecimento da sua existência
- Falta de credibilidade
- Falta de recursos informáticos
- Outro(s). Qual (Quais)? \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

*(Se respondeu à questão 2.3 o seu questionário termina aqui)*



**2.4** Que tipo de informação procura quando recorre a *sites* de Sociedades Científicas de Especialidades Médicas?

- Informação concreta que possa esclarecer sobre um tema abrangido pela área de saúde dessa Sociedade Científica de Especialidade Médica
- Educação na área da saúde
- Aconselhamento por um profissional da saúde
- Notícias e eventos
- Comunicação *online* entre profissionais de saúde e pacientes
- Outro(s). Qual? (Quais) \_\_\_\_\_

---



---

**2.5** Porque recorre a este tipo de fonte de informação?

- Maior credibilidade da informação
- Facilidade e comodidade no acesso à informação
- Falta de recursos humanos na localidade onde habita
- Como forma de complementar informação que já possui
- Evitar custos com deslocações e/ou consultas com profissionais de saúde
- Outro(s). Qual (Quais)? \_\_\_\_\_

---



---

**2.6** De seguida são apresentadas duas afirmações. Refira em que medida está de acordo ou desacordo com as mesmas utilizando a escala:

1. Discordo totalmente      2. Discordo      3. Indeciso      4. Concordo      5. Concordo totalmente

	<b>Discordo Totalmente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Indeciso</b>	<b>Concordo</b>	<b>Concordo Totalmente</b>
Nos <i>sites</i> das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas a informação é clara, precisa e objetiva.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
Quando recorre a um <i>site</i> de uma Sociedade Científica de Especialidade Médica, os seus objetivos são alcançados.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>

---

**Dimensão 3 – Sociedades Médicas e Ferramentas *web 2.0*** (selecionar a opção que se aplica com um X)

---

**3.1** Quais as ferramentas *web 2.0* que utiliza habitualmente?

(Pode assinalar mais do que uma opção)

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> <i>Blogues</i>   | <input type="checkbox"/> Redes Sociais             |
| <input type="checkbox"/> <i>Wikis</i>   | <input type="checkbox"/> <i>Social Bookmarking</i> |
| <input type="checkbox"/> Plataformas de conteúdos audiovisuais                                  | <input type="checkbox"/> <i>Podcast's</i>          |
| <input type="checkbox"/> Seguir atualizações das páginas <i>Web</i> através de <i>Feeds RSS</i> |  |
| <input type="checkbox"/> Outra(s). Qual (Quais)? _____  |  |
- 

**3.2** De seguida são apresentadas duas afirmações. Refira em que medida está de acordo ou desacordo com as mesmas utilizando a escala:

1. Discordo totalmente      2. Discordo      3. Indeciso      4. Concordo      5. Concordo totalmente

	<b>Discordo Totalmente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Indeciso</b>	<b>Concordo</b>	<b>Concordo Totalmente</b>
Os <i>sites</i> de Sociedade Científicas de Especialidades Médicas exploram de forma eficiente as potencialidades das ferramentas <i>web 2.0</i> .					
O uso adequado de ferramentas <i>web 2.0</i> poderia potenciar a comunicação online das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas.					

**3.3** Que ferramentas *web 2.0* deveriam estar presentes nos *sites* das Sociedades Científicas de Especialidades Médicas?

(Pode assinalar mais do que uma opção)

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> <i>Blogues</i>   | <input type="checkbox"/> Redes Sociais             |
| <input type="checkbox"/> <i>Wikis</i>   | <input type="checkbox"/> <i>Social Bookmarking</i> |
| <input type="checkbox"/> Plataformas de conteúdos audiovisuais                                  | <input type="checkbox"/> <i>Podcast's</i>          |
| <input type="checkbox"/> Seguir atualizações das páginas <i>Web</i> através de <i>Feeds RSS</i> |  |
| <input type="checkbox"/> Outra(s). Qual (Quais)? _____  |  |
- 

Muito obrigada pela colaboração!